

**ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO
CURSO DE INSTRUTOR DE EQUITAÇÃO**

1° TEN PMESP ANITA BRAGA SALVIONE

**DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS DOUTRINAS FRANCESA E
ALEMÃ DE EQUITAÇÃO**

RIO DE JANEIRO

2019

ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

1° TEN PMESP ANITA BRAGA SALVIONE

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS DOUTRINAS FRANCESA E ALEMÃ DE EQUITAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Equitação do Exército como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Especialização em Instrutor de Equitação pelo Exército Brasileiro.

Orientador: Ten Cel Cav Anderson Adonis Faria da Cruz

Co-orientador: Cap PMERJ Vet Cássia Cestari Delboni

RIO DE JANEIRO

2019

1° TEN PMESP ANITA BRAGA SALVIONE

**DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS DOUTRINAS FRANCESA E
ALEMÃ DE EQUITAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à Escola de
Equitação do Exército como parte
dos requisitos para a obtenção do
Grau de Especialização em
Instrutor de Equitação pelo
Exército Brasileiro.

Data de Aprovação:

Banca Examinadora

Ten Cel Cav Anderson Adonis Faria da Cruz
Orientador
Presidente/Subcmt da Escola de Equitação do Exército

Maj Cav André Portella Tavares
Avaliador 1
1° Membro/Chefe da STE da Escola de Equitação do Exército

1.º Ten Cav Marcus Vinicius Gil Cavalieri Brandao
Avaliador 2
Instrutor da Escola de Equitação do Exército

Dedico esse trabalho à minha família, pois a ela devo a estrutura física e moral que possibilitaram-me estar hoje aqui, em especial aos seguintes familiares: minha avó Dona Elisena, à minha mãe Dona Aparecida, ao meu irmão William e ao meu tio Assis.

Não posso esquecer de meu noivo, 1.º Sgt PMESP Lengenfelder, que me motivou e a quem sou grata por ter me auxiliado em demasia a estar onde me encontro hoje servido, no Regimento de Polícia Montada “9 de Julho”.

Por fim, que Deus abençoe meus cavalos que suportaram calados todos os meus defeitos, são eles: IZ Jovita, Corina HCP, IZ Maia, IZ Detalhe, Chuva RF e Madame do Rincao.

AGRADECIMENTOS

Cabe lembrar dos meus comandantes, os quais me deram a oportunidade de hoje buscar um sonho pessoal e profissional que é o Curso de Instrutor de Equitação, alicerçando ainda mais os conhecimentos equestres para a nobre Polícia Militar do Estado de São Paulo, alguns deles me atrevo a citar os nomes: o Exmo. Sr. Cmt Geral Cel PMESP Marcelo Vieira Salles e o Sr. Cmt Ten Cel PMESP João Alves Cangerana Junior.

Injustiça esquecer dos meus instrutores, não só da EsEqEx, mas também dos meus amigos que me ajudaram na preparação para o curso, dentre eles: Ten Cel PMESP Augusto Pacheco Ambar (esse que me emprestou o sensacional cavalo IZ Detalhe), Cap PMESP Clodoaldo Donizetti da Cruz, Cap PM Fernando Medeiros Vasconcelos, Cap PMESP Rafael Silva Gouveia, 1º Ten PM Vinicius de Nóbrega, 1º Ten PM Thais Cipolla.

Um agradecimento muito especial ao meu amigo e tratador Cb PM Salvador dos Santos Junior, que abriu mão de seu convívio familiar para me ajudar nesta difícil empreitada.

Agradeço ainda ao 2.º Sgt PMMG Adelson Imar Ferreira, que sempre muito solícito, disponibilizou de seus conhecimentos à toda a turma do Curso de Equitação, tanto Instrutores como Monitores, além do inestimável empréstimo da égua Chuva RF, possibilitando-me alcançar um conhecimento imensurável.

Agradeço imensamente a Cap PMERJ Vet Cássia Cestari Delboni, a qual me orientou de ponta a ponta nesse trabalho, pois sem essa orientação tal trabalho não seria possível.

Agradeço a equipe do LADEq, Laboratório de Avaliação do Desempenho de Equinos, esse pertencente a UFRRJ, nas pessoas da Veterinária Ananda Parra Buzzetti e da Zootécnicista Ada Morgana Soares Marín, que me ajudaram no desenvolvimento do feito.

Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver

(Ariano Suassuna)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, assim como delimitado pela Escola de Equitação do Exército, a avaliação de diferenças ou não entre doutrinas de equitação dos países da Alemanha e da França, valendo-se lembrar que para doutrina temos que isso significa analisar um conjunto coerente de ideias básicas contidas em um sistema filosófico, político e religioso. Logo, não podemos confundir doutrina com método, pois esse não é o tema proposto, cabendo destacar que método é o procedimento, técnica ou meio de fazer alguma coisa, especificamente de acordo com um plano. Dentro desse viés traremos, como fator inicial e primordial a análise histórica, como capítulo inicial, o estudo da vida do homem através do tempo, com a inserção do cavalo. Investigando o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais, ajudando na compreensão da construção da história homem e cavalo. No capítulo seguinte vem a baila diversos métodos, tanto de origem alemã, como de origem francesa, como de diversas outras origens, mas remetendo sempre ao objetivo da equitação em qualquer parte do mundo, a busca da conversa cavalo e cavaleiro, essa busca pela naturalidade, pela beleza, aonde os cavalos façam todos os movimentos de forma harmoniosa, simples; sendo essa conversa muita clara entre os dois. Seguindo, teremos uma análise entre três métodos: o de Baucher (Francês), o de Steinbrecht (Alemão); e, o de Caprilli (italiano), valendo sempre lembrar que não a admissão de nenhum desses métodos como único da equitação de um povo. Em seguida, teremos um questionário feito com monitores, instrutores e mestres de equitação formados em 12 escolas distintas de equitação, tanto na América, como na Europa. Findando com uma abordagem ao Horsemanship, tão a voga hoje no mundo, haja vista a revolução da técnica mecanicista para o sistema simbiótico do homem cavalo. Concluindo de forma clara e objetiva, que não há diferença doutrinária, mas sim diferença metodológica.

Palavras chaves: Doutrina. Método. Diferença.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit zielt, wie von der Army Riding School festgelegt, darauf ab, Unterschiede zwischen den Reitdoktrinen der Länder Deutschland und Frankreich zu bewerten oder nicht, wobei zu bedenken ist, dass für die Lehre die Analyse einer zusammenhängenden Menge gemeint sein muss von Grundideen in einem philosophischen, politischen und religiösen System. Daher können wir die Lehre nicht mit der Methode verwechseln, da dies nicht das vorgeschlagene Thema ist, und es ist wichtig hervorzuheben, welche Methode das Verfahren, die Technik oder das Mittel ist, um etwas speziell nach einem Plan zu tun. Innerhalb dieser Vorurteile werden wir als einen anfänglichen und ursprünglichen Faktor die historische Analyse als ein erstes Kapitel, das Studium des Lebens des Menschen durch die Zeit, mit der Einführung des Pferdes, einbeziehen. Untersuchen, was Menschen als soziale Wesen getan, gedacht und gefühlt haben, um die Konstruktion der Geschichte von Mensch und Pferd zu verstehen. Im nächsten Kapitel folgen verschiedene Methoden, sowohl in deutscher als auch in französischer Sprache, sowie verschiedene andere Ursprünge, die sich jedoch immer auf das Ziel beziehen, irgendwo auf der Welt zu reiten, die Suche nach Pferd und Reiter, diese Suche nach Natürlichkeit. für die Schönheit, wo die Pferde alle Bewegungen auf harmonische, einfache Weise ausführen; Dieses Gespräch ist zwischen den beiden sehr klar. Im Folgenden wird eine Analyse zwischen drei Methoden durchgeführt: Baucher (Französisch), Steinbrecht (Deutsch); und Caprilli's (Italienisch), immer daran zu erinnern, dass keine dieser Methoden als die einzige des Reitens eines Volkes zugelassen wird. Als nächstes werden wir einen Fragebogen mit Monitoren, Ausbildern und Reitmeistern erstellen, die in 12 verschiedenen Reitschulen in Amerika und Europa ausgebildet wurden. Am Ende der in der Welt so beliebten Annäherung an die Reitkunst haben wir die Revolution von der mechanistischen Technik zum symbiotischen System des Pferdemanns erlebt. Abschließend klar und objektiv, gibt es keinen Unterschied in der Lehre, sondern methodologische Unterschiede.

Schlüsselwörter: Lehre. Methode. Unterschied.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|---------|--|--------|
| Foto 01 | Paul Schockemöhle (alemão)..... | Pg.17 |
| Foto 02 | Alvim Schockemöhle (alemão)..... | Pg.17 |
| Foto 03 | D’Inzeo – Pré-Olímpico de 1972 (Italiano)..... | Pg. 18 |
| Foto 04 | D’Oriola (Frânces) – Olimpíadas de Helsink em 1952..... | Pg.18 |
| Foto 05 | John Whitaker (Britânico) – Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro | Pg.18 |
| Foto 06 | Michael Whitaker (Britânico) | Pg.19 |
| Foto 07 | Frank Sloothak (Alemão, nascido na Holanda) – Copa do Mundo | Pg.19 |
| Foto 08 | Nelson Pessoa (Brasil) – Jogos Olímpicos de 1956..... | Pg.19 |
| Foto 09 | Homenagem a 8mi de cavalos mortos na 1.º Guerra Mundial | Pg.47 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|--------|
| Gráfico 01 Praticantes atuais..... | Pg.50 |
| Gráfico 02 Tempo que pratica..... | Pg.50 |
| Gráfico 03 Modalidade que pratica..... | Pg. 51 |
| Gráfico 04 Títulos que obteve..... | Pg.52 |
| Gráfico 05 Duração do curso..... | Pg.52 |
| Gráfico 06 Matérias do Curso de Instrutor..... | Pg.52 |
| Gráfico 07 Nível para ingresso no curso de instrutor para salto..... | Pg.53 |
| Gráfico 08 Nível para ingresso no curso de instrutor para CCE..... | Pg.53 |
| Gráfico 09 Nível para ingresso no curso de instrutor para adestramento..... | Pg.54 |
| Gráfico 10 Nível alcançado após formação no curso de instrutor para salto.... | Pg.54 |
| Gráfico 11 Nível alcançado após formação no curso de instrutor para CCE..... | Pg. 55 |
| Gráfico 12 Nível alcançado após formação no curso de instrutor para adestramento..... | Pg.55 |
| Gráfico 13 Acreditam na diferença entre doutrina francesa e alemã..... | Pg.56 |
| Gráfico 14 Acreditam na diferença entre métodos francês e alemão..... | Pg.56 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1. HISTÓRICO DA EQUITAÇÃO | 13 |
| 1.1. PÓS SÉCULO XVII | 13 |
| 1.2. A EQUITAÇÃO MODERNA | 16 |
| 2. MESTRES DA EQUITAÇÃO ACADÊMICA E ATUAIS EXPONENTES | 23 |
| 2.1. XENOFONTE DE ATENAS | 23 |
| 2.2. KIKKULIS | 23 |
| 2.3. FEDERICO GRISONE | 24 |
| 2.4. GIAMBASTITA PIGNATELLI – GIOVANNI BATTISTA PIGNATELLI | 27 |
| 2.5. ANTOINE PLUVINEL DE LA BAUME | 28 |
| 2.6. FRANÇOIS ROBICHON DE LA GUÉRINIÈRE | 30 |
| 2.7. FRANÇOIS BAUCHER | 31 |
| 2.8. CONDE D’AURE | 33 |
| 2.9. GUSTAV STEINBRECHT | 33 |
| 2.10. FEDERICO CAPRILI | 34 |
| 2.11. GENERAL DECARPENTRY | 35 |
| 2.12. ALVIM SHCCKEMOHLE | 35 |
| 2.13. PAUL SCHOCKEMOHLE | 36 |
| 2.14. PIERO D’INZEO E RAIMONDO D’INZEO | 37 |
| 2.15. PIERRE JONQUÈRES D’ORIOLA | 37 |
| 2.16. JOHN WHITAKER | 37 |
| 2.17. MICHAEL WHITAKER | 38 |
| 2.18. FRANK SLOOTHAK | 38 |
| 2.19. NELSON PESSOA | 38 |
| 2.20. NUNO COELHO VICENTE | 39 |
| 2.21. MARK TODD | 39 |
| 3. ANÁLISE METODOLÓGICA | 40 |
| 3.1. PRINCÍPIOS GERAIS | 40 |
| 3.2. EVOLUÇÃO DOS CAVALOS | 42 |
| 3.3. MÉTODO FRANÇOIS BAUCHER: UMA DAS VERTENTES FRANCESA | 42 |
| 3.4. MÉTODO GUSTAV STEINBRECHT: UMA DAS VERTENTES ALEMÃ | 44 |

| | |
|--|----|
| 3.5. MÉTODO DE FEDERICO CAPRILLI: ITALIANO, COM INFLUÊNCIA DE D'AURE E STEINBRECHT | 45 |
| 3.6. O EQUITADOR MODERNO | 46 |
| 4. ANÁLISE QUALITATIVA DOS ENTREVISTADOS | 48 |
| 4.1. PRATICANTES ATUAIS..... | 49 |
| 4.2. TEMPO QUE PRATICA..... | 50 |
| 4.3. MODALIDADE QUE PRATICA | 51 |
| 4.4. TÍTULOS QUE OBTVE..... | 51 |
| 4.5. DURAÇÃO DOS CURSOS DE INSTRUTOR..... | 52 |
| 4.6. MATÉRIAS DO CURSO DE INSTRUTOR | 52 |
| 4.7. NÍVEL DE EXIGÊNCIA PARA INGRESSO NO CURSO DE INSTRUTOR..... | 53 |
| 4.8. NÍVEL ALCANÇADO APÓS O CURSO DE INSTRUTOR..... | 54 |
| 4.9. DIFERENÇAS ENTRE A DOCTRINA FRANCESA E ALEMÃ..... | 56 |
| 4.10. DIFERENÇAS ENTRE MÉTODOS FRANCESES E ALEMÃES | 56 |
| 4.11. ANÁLISE QUALITATIVA DE QUESTÃO DISCURSIVA..... | 57 |
| 5. HORSEMANSHIP | 58 |
| 5.1. COMPORTAMENTO NATURAL DOS CAVALOS | 58 |
| 5.2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 58 |
| 5.3. A COLUNA DO CAVALO E OS MOVIMENTOS RELACIONADOS À AÇÃO DAS EMBOCADURAS | 59 |
| 5.4. COMO SÃO OS CAVALOS NA NATUREZA?..... | 60 |
| 5.5. CARACTERÍSTICAS NATURAIS DOS CAVALOS..... | 61 |
| 5.6. COMO SÃO E COMO SE COMPORTAM OS PREDADOS? | 62 |
| 5.7. O RELACIONAMENTO ENTRE O HOMEM E OS CAVALOS AO LONGO DO TEMPO | 64 |
| 5.8. COEXISTÊNCIA PREDADO E PREDADOR | 65 |
| 5.9. COMUNICAÇÃO ENTRE CAVALOS..... | 66 |
| 5.10. HORSEMANSHIP | 67 |
| 5.11. INTERPRETAÇÕES DO DIA A DIA..... | 68 |
| CONCLUSÃO | 71 |
| REFERÊNCIAS | 78 |
| ANEXO 1 – TREINAMENTO O CAVALO DE CARRUAGEM POR KIKKULI | 82 |
| ANEXO 2 – FRANCOIS BAUCHER | 85 |
| ANEXO 3 – MODELO DE QUESTIONÁRIO | 91 |

INTRODUÇÃO

Esse projeto vem com o objetivo de análise de algumas das Escolas de Equitação no mundo e na América Latina.

O primeiro objetivo é distinguir como as doutrinas francesa e alemã se ramificaram nessas Escolas e se a doutrina pura ainda é empregada, ou o quanto dela é empregada.

Mas a grande pergunta e prioridade deste trabalho é descobrir se há distinção, ou se não há distinção, quais as diferenças e quais suas semelhanças.

Analisando de início a fase histórica e os manuais dos envolvidos no estudo: França, Alemanha, Brasil, Portugal, Espanha, Uruguai, Chile, Paraguai, Peru.

Logo adiante, veremos o que as Escolas estão ensinando, quem são seus expoentes e como esses ícones nos proporcionam conhecimento materializado, comparando na sequência quatro autores com maior profundidade.

As entrevistas a serem realizadas vão buscar uma aproximação da nossa visão com a realidade de quem vê de fora, o que se aplica em outro país, e do que se aplica aqui no Brasil, buscando a melhora da arte equestre nacional, principalmente na caserna, a qual estamos intimamente ligados.

No último capítulo do desenvolvimento aborda-se o Horsemanship, na visão do mundo atual e suas cobranças no tocante ao conhecimento do comportamento do cavalo e a prática de não violência.

CAPÍTULO 1. HISTÓRICO DA EQUITAÇÃO

Do meio equestre se discuti a existência de escolas como a Francesa, a Alemã, a Espanhola, a Sueca, mas quais são suas diferenças?

Nos cabe respaldar na frase retirada do livro *Apontamentos Equestres*, do renomado mestre português, Formado pela Escola de Maфра em Portugal, Nuno Coelho Vicente: “Evidentemente, as diferenças morfológicas entre as diversas raças espalhadas pelo mundo determinaram o desenvolvimento de métodos que a ela se adaptassem”.

Assim, nos cabe analisar a história da equitação para compreender suas bases fundamentais e sua evolução, bem como a análise morfológica de cada raça, conforme a evolução e surgimento do cavalo nos diversos pontos do mundo.

CAPÍTULO 1.1. PÓS SÉCULO XVII

Na Europa observamos o norte com seus cavalos tipicamente grandes e pesados, portadores das armaduras de ferro, enquanto os ibéricos, com seus pequenos e ligeiros cavalos apresentavam maior mobilidade.

A ânsia de se difundir os conhecimentos ibéricos e sua doutrinação motivou a criação da Academia Equestre em Nápoles (em 1532, por Federico Grisone), tornando-se assim a primeira escola à transmitir de forma metódica os conhecimentos equestres. Sempre presente nas altas rodas da sociedade. Período este da Renascença.

É observável a presença de equitação nas altas classes sociais, principalmente porque até a Revolução Francesa, aquele que ocupasse um cargo de *Écuyer* era tido como nobre. Passando tal título de pai para filho.

Outro trecho, exportando do mestre Nuno Coelho Vicente, esse nos insere no surgimento de outras escolas de equitação, como segue:

Pode-se afirmar que a equitação nasceu, como ciência moderna, em Nápoles, e daí se irradiou-se para o restante da Itália e da Europa, ainda que o primeiro tratado da literatura européia tenha sido escrito pelo rei português D. Duarte, em 1434. Foram mestres da Escola de

Nápoles Grisone e Fianelli, e lá se formaram os equitadores franceses La Broue, Saint-Antoine, La Noue e Pluvinel, que levaram para os seus países as práticas da nova ciência equestre. A partir daí foram fundadas na França as Academias de Tours, Bordeaux e Lyon¹.

Formado Antoine de Pluvinel (1552 a 1620), esse que foi um dos responsáveis por levar a equitação à França, tornando-se *Écuyer*, e próprio mestre do Rei Luís XIII (1601 a 1643). Sendo também responsável pelo primeiro tratado de equitação escrito para a França o "*Instrucion du Roy*" (1625).

Assim a equitação da Alta Escola Napolitana introduziu-se.

Giambattista Pignatelli introduz o tratado de embocaduras, simplificando-as, e em suas palavras: "Se os freios tivessem em si o poder miraculoso de tornar a boca do cavalo doce e obediente, qualquer cavaleiro ou cavalo torna-se-ia bom à saída da oficina do ferreiro".

O tratado escrito por Pluvinel, tornou-se cada vez mais difundido no mundo, e cada vez mais as pessoas montavam ao "estilo" francês, isto posto, pelo tratado escrito.

Iniciou-se uma transição, ou melhor, iniciou-se o surgimento de novos movimentos com a obra de Monsieur François Robichon de La Guérinière (1733), com a *L'École de Cavalerie*. Monsieur trouxe-nos o Espádua-a-dentro, e fala-se pela primeira vez em "baixada de mão", logo após o cavalo fletir as ancas.

O Rei Luís XIV (1638 a 1715), no reinado mais longo que os franceses já viram, cria a Escola de Equitação de Versalhes, desenhado por Jules Hardouin-Mansart, criada em 1680 e fechada em 1830, em virtude dos efeitos da Revolução de Julho de 1830 na França, também conhecida como as Três Gloriosas, que depôs o Rei Carlos X. Trazendo uma seção de cultura equestre, tornando-a menos violenta e colocando o cavaleiro mais sentado à sela.

Seu último *Écuyer* foi ninguém menos que o Conde d'Abzac, conhecido pela delicadeza que conduzia suas montadas, e tendo de ministrar sua docência em Hamburgo, tendo em vista a Revolução Francesa.

¹ Baucher, Carta ao Rei Dom João III, 1521.

No século XVIII, outro grande nome da equitação francesa surge, o Coronel d'Auvergne, formado pela Escola Militar de Paris, deixando como discípulo Chabannes, esses que eram defensores dos princípios seguidos pela Escola de Versalhes, mas não conseguiram transmitir seus conhecimentos, pois conheceram tais princípios apenas de forma indireta, ou seja, através de picadores antigos da Academia Real, e Chabannes permaneceu apenas dois anos como *Écuyer-en-chef*.

Em 1834, o marechal Soult, Ministro de Guerra, decidiu que o cargo de *Écuyer-en-chef* da Escola Militar de Paris deveria ser de militar, iniciando por Renaux e chegando ao renomado Conde d'Aure (1847-1855). Com sua reforma o Conde D'Aure assume a Escola, sendo um ex-aluno e de profunda influência do Conde D'Abzac, fomentando assim o visto por ele na Escola de Versalhes, antes de seu fechamento.

D'Aure, trouxe uma particularidade, que o definiria para a história, celebrou-se pelo seu improviso e seu brilhantismo, em montar potros serris, fato esse que o distanciou dos ensinamentos da Escola de Versales.

D'Aure era opositor do método de Baucher, esses que conviveram na mesma época e se conheciam.

D'Aure permaneceu em Saumur até 1855, para dirigir o Picadeiro Imperial, sendo sucedido por Guerin, que fazia parte do *Cadre Noir* (Quadro Negro), que lhe rendeu a publicação dos livros: *École du Cavalier au Manège*, para uso dos professores em 1851, e em 1860 publicou o *Dressage du cheval de Guerre*, livro de equitação militar do método baucherista..

L'Hotte foi seu sucessor, utilizava os processos de Baucher, mas restabeleceu em Saumur o ensino de D'Aure. Como general-comandante extinguiu a doutrina Baucherista em Saumur, adotando os ensinamentos de D'Aure, materializando-os pela publicação do livro: *Instrucion à Cheval du Règlement de 1876 pour la Cavalerie*.

O General Decarpentry, nos traz uma clara posição no que se fundamentou a Escola Francesa e suas alterações impostas pela inovação de Conde D'Aure, com sua arte de improvisação:

Enquanto a Escola Francesa sofria todas as vicissitudes desta longa evolução, a de Viena, metrópole equestre da Europa Central permanecia quase imutável em sua doutrina. Ela proclamava sua

fidelidade inquebrantável aos princípios de La Guerinière, cuja obra representava para ela a “Bíblia Eqüestre” enquanto classificavam Baucher de “Coveiro da Equitação Francesa”.

De fato, se a Escola Germânica conservara o método - ou melhor, a progressão - desse equitador, que não era de seu sangue, a aplicação que fazia de seus processos sofria algumas alterações, menos sensíveis às margens do Danúbio que nas do Sprée e inerentes às diferenças técnicas dos povos separados pelo Danúbio e o Reno.

D'Aure era quem poderia ter trazido a herança da Escola de Versalhes para a Escola de Saumur, mas não o fez, preferiu mundar com sua arte de improvisar. Isto posto, não é uma crítica, mas sim uma análise de uma nova forma metodologica que surgiu pelas atitudes do conde, mesmo esse conhecendo o método da Escola de Versalhes. Que até hoje representa a equitação militar.

CAPÍTULO 1.2. A EQUITAÇÃO MODERNA

Com o surgimento do Puro Sangue Inglês, a equitação se transformou. Franceses começaram a produzir cavalos mais ágeis, mais ligeiros, como os anglo-árabes, esses de sangue quente, e cavalos tipicamente longilíneos. Enquanto que os alemães, selecionaram um novo tipo de cavalo, bom de dorso, forte, andamentos bem definidos e amplos, com temperamento estável e apropriado para competição, menos emotivos que o Puro Sangue Inglês.

Baucher, pautados nos ensinamentos da Escola de Versalhes, descrevia que a equitação deveria ser pautada na leveza, condição essa indispensável para bons rendimentos em cavalos de temperamento quente e fino como o Puro Sangue Inglês e o Anglo-árabe.

Assim, os cavalos selecionados pelos alemães e por seus métodos destacam-se até hoje nas competições de adestramento, o que é evidenciado também pelo quase desaparecimento total de cavalos de sangue quente e fino como o Puro Sangue Inglês e o Anglo-Árabe dos franceses.

² General Decarpentry, Equitação Acadêmica, 1949.

Mas, há de se notar, que como países vizinhos de fronteira seca, os próprios alemães, introduziram, posteriormente esse sangue quente dos Puro Sangue Ingleses em seus criatórios, com produtos mais fortes e mais estáveis, logo, mas pendentes ao adestramento. Sendo regidos por forte disciplina; e, grande rigor metodológico.

Cavalos Ibéricos de pura Raça Espanhola e Lusitanos, começam a surgir no cenário olímpico dos dias de hoje, na modalidade Adestramento, cada vez mais presentes, traçando-se como a raça promissora para essa modalidade, fazendo-se da necessidade de ampliar suas andaduras, e acostumar os juízes a essas novas raças.

Gustav Steinbrecht, contemporâneo de Baucher, alemão, escreveu em sua obra, essa considerada uma dos grandes clássicos da equitação atual da Alemanha, críticas a Baucher, mas, lendo atentamente, o objetivo e o fim de ambos eram os mesmos, com métodos distintos, porém com finalidade semelhante. Evidenciando que suas distinções não eram de cunho metodológico ou finalista, mais sim nacionalista.

Nuno Coelho Vicente, deixa claro, em sua obra de Apontamentos Equestres, de 2003, que quando avaliamos vários grandes jinetes do Salto de obstáculos, vemos que há necessidade de se ter o adestramento enraizado no salto, pois cavaleiros como os irmãos Schockemöhle, D'Inzeo, D'Oriola, os irmãos Whitaker, Frank Sloothak, Nelson Pessoa demonstraram que:

[...] para se ultrapassar os grandes obstáculos, há a necessidade de se alcançar o verdadeiro Rassemler, para poderem voltar os seus cavalos sobre a garupa, deixando-os leves, com rédeas semi-estendidas e muito mais equilibrados do que os cavalos das provas de Adestramento.

Quem quiser chegar ao mais alto nível de Equitação, terá que observar os grandes cavaleiros que trabalham com esse objetivo, na submissão e na perfeita descontração de todo o corpo do cavalo. Quem quiser permanecer na mediocridade, pode eventualmente ganhar algumas provas secundárias, mas o cavalo nunca será brilhante. Se for usado prematuramente, nunca será preciso, nunca será verdadeiro³.

³ Baucher, 1852.

Irmãos Schockemöhle (atuais proprietários do cavalo Moorlands Totilas):



Foto 1: Paul Schockemöhle (alemão)



Foto 2: Alvim Schockemöhle (alemão) – foto de 1975 durante o Campeonato Europeu



Foto 3: D'Inzeo – Pré-Olímpico de 1972 (Italiano)



Foto 4: D'Oriola (Frânces) – Olimpíadas de Helsink em 1952



Foto 5: John Whitaker (Britânico) – Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro



Foto 6: Michael Whitaker (Britânico) – Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro



Foto 7: Frank Sloothak (Alemão, nascido na Holanda) – Copa do Mundo



Foto 8: Nelson Pessoa (Brasil) – Jogos Olímpicos de 1956

Cavalos de mesma raça e criados em ambientes distintos e antagônicos apresentam comportamentos distintos, assim como o homem criado na Europa e o homem criado na América. Cabe ao equitador ter o tato equestre de interpretar essas diferenças e trabalhar, segundo os princípios clássicos, e de ordem geral, mas se pedir uma ou outra coisa, deve-se levar em conta sua receptividade.

Tempos mudam, modismos surgem, cabendo ao cavaleiro refletir as qualidades apresentadas em cada animal, buscando com paciência e de forma progressiva sua evolução, tendo seu tato e observação como guias.

Todo cavalo, em linha única, independente de apresentar ou não características morfológicas que o pendam para uma modalidade específica, deve ser trabalhado buscando seu equilíbrio. Sendo curioso e evidente, nesse ponto de vista, e exemplificando o caso do cavalo "MUMU", como segue:

[...] da Sucursal do Rio um cavalo com uma extraordinária história de "ascensão social" roubou a cena ontem na Marina da Glória (zona sul do Rio), onde foi realizada, numa pista montada para o evento, o GP Cidade do Rio de Janeiro de hipismo. Depois de o cavaleiro Bernardo Resende Alves vencer a prova, montando Tucu Tucu, foram chamados à arena o cavaleiro Carlos Eduardo Mota Ribas e seu cavalo, Mumu. O animal foi descoberto há sete anos quando sua rotina era puxar uma carroça com comida para porcos na favela da Rocinha (zona sul do Rio). Centenas de espectadores que ainda permaneciam nas arquibancadas aplaudiram o conjunto (cavaleiro e cavalo), quinto colocado. O público, em boa parte pouco habituado ao hipismo, vibrou com a história de Mumu, conhecida apenas nos círculos hípicas. O cavalo tem presumidos 10 anos e 50 cm de altura

a menos que a média dos adversários. Mumu não é um puro-sangue como os de raças européias, muito comuns no hipismo brasileiro. O cavalo é um cruzamento de manga-larga marchador e quarto-de-milha, raças sem características para provas hípicas. Quando vivia na favela, Mumu costumava ser visto pelo tio de uma garota que praticava hipismo. O cavalo chamou a atenção do homem, que o comprou do carroceiro por cerca de R\$ 500, segundo seu atual proprietário, o cavaleiro Mota Ribas, 23. Considerado impróprio para o hipismo, foi entregue à amazona Beth Assaf como parte do pagamento de um cavalo. Assaf o vendeu para Mota Ribas, que o comprou em sociedade com Fábio Boson e hoje tem 100% do animal. Sem acreditar em Mumu, seu dono não o utilizava. Há dois anos, foi obrigado, por falta de opção, a montá-lo no Campeonato Paulista de Jovens Cavaleiros. Venceu. Na semana seguinte, emprestou-o a um amigo, que conquistou o Brasileiro de Juniores. O cavaleiro-proprietário, constrangido, não revela o pouco que pagou. Diz que já recusou oferta de R\$ 300 mil. Um cavalo como Aspen, do conjunto segundo colocado ontem, custou R\$ 1 milhão¹²

¹ Pesquisa em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/14/esporte/28.html>>, em 11 de Setembro de 2019, às 18h00.

CAPÍTULO 2. MESTRES DA EQUITAÇÃO ACADÊMICA E ATUAIS EXPOENTES DO HIPISMO

CAPÍTULO 2.1. XENOFONTE DE ATENAS (430 – 355 A.C.)

A equitação clássica nasceu das mãos sensíveis de um general grego que soube compreender os fenômenos mais sutis da doma, do adestramento e da equitação.

Soube também, com as mesmas mãos, colocar suas observações por escrito. A obra de Xenofonte, intitulada "A Arte da Equitação", desapareceu por 1900 anos, ressurgindo no século XVI nas mãos de Federico Grisone, mestre da Escola de Equitação de Nápoles.

Xenofonte pertenceu à cavalaria ateniense. Seu trabalho escrito é considerável que podemos citar "Do Comando da Cavalaria", "República de Atenas", e a "Equitação". Do ponto de vista equestre, seu trabalho notável impressionou até Sócrates, que chegou a receber instruções a cavalo.

CAPÍTULO 2.2. KIKKULIS (MESOPOTÂMIA - SÉCULO XIV A.C.)

Escreveu o primeiro tratado sobre equitação. Sendo muito bom equitador.

Kikkuli é considerado mestre em treinamento de cavalos da terra de Mitanni. Kikkuli escreveu uma propositura para condicionar (exercitar e alimentar) cavalos de guerra hititas por mais de 214 dias.

O Texto Kikkuli aborda apenas o condicionamento, não a educação, do cavalo. Os Mitannians eram líderes reconhecidos no treinamento de cavalos e, como resultado das técnicas de treinamento de cavalos aprendidas com Kikkuli, os cocheiros hititas forjaram um império na área que hoje é a Turquia, Síria, Líbano e Norte do Iraque. Surpreendentemente, o regime usou técnicas de 'treinamento intervalado' semelhantes às usadas com sucesso por atletas de *cross country*, ciclistas de resistência e outras pessoas de hoje em dia, e, cujos princípios foram estudados apenas por pesquisadores de medicina esportiva equina nos últimos 30

anos. O programa Kikkuli envolveu técnicas de "medicina esportiva" comparáveis às idéias modernas, como o princípio da progressão, sistemas de pico de carregamento, teoria da substituição de eletrólitos, treinamento de *fartlek*, intervalos e repetições. Foi direcionado a cavalos com uma alta proporção de fibras musculares de contração lenta.

Como no treinamento convencional moderno (em oposição ao 'intervalo'), os cavalos Kikkuli eram estabulados, robustos, lavados com água morna e alimentados com aveia, cevada e feno pelo menos três vezes por dia. Ao contrário do treinamento convencional de cavalos, esses estavam sujeitos a períodos de aquecimento. Além disso, todos os exemplos de galope incluíam pausas intermediárias para relaxar o cavalo parcialmente e, na medida que o treinamento avançava, os treinos incluíam intervalos no galope. Isso está no mesmo nível que o treinamento com intervalo que usamos nos tempos modernos. No entanto, Kikkuli fez muito uso de longos períodos liderando os cavalos nos trotes e galopando em vez de prendê-los a uma carruagem.

Entre 1991 e 1992, o Dr. A. Nyland, então da Universidade da Nova Inglaterra, na Austrália, realizou a replicação experimental de todo o Texto Kikkuli durante o período de sete meses prescrito no texto com cavalos árabes.

CAPÍTULO 2.3. FEDERICO GRISONE (ITÁLIA - SÉCULO XVI)

Todos tem uma vaga idéia de quem Grisone era, sendo ele o treinador que usava defendia gritar com cavalos e depois espancá-los com severidade. Recentemente publicado *A Tradição Italiana de Arte Equestre* (Xenophon Press), de Giovanni Battista Tomassini, sugere que esse mestre de equitação pode não ser exatamente o monstro que a crença popular teria.

Ninguém sabe exatamente quando Grisone nasceu ou morreu, ele nasceu no final do século XV e provavelmente sua morte ocorreu na última década do século XVI.

Foi membro de uma nobre família napolitana, publicando o primeiro tratado equestre moderno denominado *Ordini di cavalcare* (em português Regras de Equitação), isto de 1550. Tendo grande difusão e alvoroso pelo leitor entre os anos

de 1550 e 1623, chegou a vinte edições italianas impressas, outras quinze traduções em francês, além de seis em inglês, mais sete em alemão e uma em espanhol.

As Regras de Equitação, referem-se expressamente à arte de treinar o cavalo 'para o uso da guerra' e aos segredos para 'corrigir' seus vícios. (Página 85, A tradução italiana de Arte Equestre de Giovanni Battista Tomassini, Xenophon Press, 2013).

Grisone entendeu a base fundamental da pirâmide de treinamento, essencial para a arte equestre: o ritmo. Enfatizando com as seguintes palavras:

E quando ele pula, ou para, não importa o que aconteça, você deve acompanhá-lo a tempo, de acordo com o movimento que ele fará, pois responde a tempo a seus pensamentos e a todos os pedidos; porque é necessário que seu corpo, com as costas, siga o caminho certo e corresponda a ele, sem concordância menor do que se fosse música. (ibid, página 86).

Além do ritmo, Federico compreendia as características distintivas da equitação clássica, conjunto e contato, e ele:

[...] recomenda andar a cavalo com uma atitude conjunta de cabeça e pescoço para garantir o contato correto com a boca, o tônus muscular adequado das costas, e o apoio dos quadris.

E, embora alguns digam que será mais útil que, ao montar, ele (o cavalo) fique com a cabeça solta e livre, mantendo sua ferocidade natural, sem lhe dar nenhum castigo nem sujeição; não obstante, vemos claramente que, assim, o cavaleiro seria guiado pelo cavalo [...] E calem as pessoas modernas que disseram o contrário, porque quanto mais o cavalo anda com a cabeça solta e com o nariz aberto, mais ele vai como um cavalo, costas abandonadas e fracas, para que não apenas na maioria das vezes ele faça o exercício de maneira ruim, deitado, largo e sem ordem, mas é mais provável que ele perca sua força.

O treinamento ocorre inicialmente em um campo arado, onde outros cavalos marcaram uma pista. Desta forma, Grisone afirma que o cavalo é induzido a seguir um caminho correto para evitar o problema de andar em solo solto. Com o progresso do treinamento, uma vala rasa pode ser usada para forçá-lo a seguir um caminho ainda mais rigoroso. Grisone codifica alguns exercícios básicos de treinamento, consistindo de voltas em ambas as direções, alternadas com uma linha reta no final da qual o cavalo deve parar para executar uma meia volta e retornar à mesma linha reta. (Tradução italiana de Arte Equestre de Giovanni Battista Tomassini, Xenophon Press, 2013)

Grisone enfatizou o uso forte da voz como meio auxiliar, talvez o que levou à proibição da voz nos dias de hoje, pois, como descrito por Grisone, não seria um espetáculo agradável:

[...] quando ele usa alguma malícia, como mexer a cabeça, ou elevar-se ou inclinar-se sobre o freio, continuar com outros erros, você o castigará com uma voz horrível e, com um grito amargo, dirá furiosamente: aquele que preferir entre estas palavras: Vamos! Vamos! Ai! Ai! Ah ah traidor! Ah vilão! Virar! Virar! Pare! Pare! Venha aqui! Venha aqui! E de maneiras semelhantes; no entanto, para que o grito seja terrível, diga qualquer palavra que desejar, a fim de inspirar terror e correção ao cavalo e continuar isso enquanto ele continuar na desordem, e você fará a voz ficar mais alta ou mais baixa, dependendo se mais ou menos (respectivamente) será a gravidade do erro. Mas, quando ele já foi conquistado, você deve ficar em silêncio imediatamente ou mudar de voz com um tom mais agradável e mais baixo, tranquilizando-o e sempre tocando com a mão direita sobre o arco do pescoço e, às vezes, arranhando-o com sua juba ou um na cernelha, ou suavemente dizendo isso 'oh, oh, oh, oh' e mais ou menos na medida em que você entenderá se é suficiente para tranquilizá-lo. (Tradução italiana de Arte Equestre de Giovanni Battista Tomassini, Xenophon Press, 2013)

Se a voz não funcionava, havia outras formas, como esporar até sangrar, amarrar um ouriço no rabo, para empurrar cavalos inquietos para a frente e aquela que todos se lembram como a opção felina: “amarre um gato o mais feroz possível em uma vara e empurre-o entre as patas traseiras ou na garupa do cavalo para aterrorizá-lo com suas garras” (Tradução italiana de Arte Equestre de Giovanni Battista Tomassini, Xenophon Press, 2013).

No entanto, Grisone também disse que um bom cavaleiro nunca usará esses métodos, já que terá os efeitos por sua própria virtude e de maneiras diferentes.

Quanto ao uso de bocados severos advertiu:

[...] pensando em manter a cabeça do cavalo firme, trocando muitas rédeas duras e diversas e fazendo-o trabalhar melhor com bocados mais severos, eles não perceberam que esses lhe desencorajam de seus problemas; segue-se que, com esses erros, nunca lhe serão possíveis alcançar à perfeição, mas com boa arte e verdadeira disciplina, e com um freio agradável, no qual ele possa encontrar gentilmente seu contato e garantir essa à sua boca, a trote e a galope, mantendo a mão suave e firme, ele será realizado em toda a sua bondade e cumprirá a vontade do cavaleiro que o monta. (Tradução italiana de Arte Equestre de Giovanni Battista Tomassini, Xenophon Press, 2013)

CAPÍTULO 2.4. GIAMBASTITA PIGNATELLI - GIOVANNI BATTISTA PIGNATELLI (NAPÓLIS – 1525 A 1600)

Foi Diretor da Academia de Equitação de Nápoles. Tendo como principal aluno o francês Antoine Pluvinel de La Baume.

Utilizou os mesmos métodos de Federico Grisone na Europa, sendo observado ao norte o trabalho com seus cavalos tipicamente grandes e pesados, portadores das armaduras de ferro, enquanto os ibéricos, com seus pequenos e ligeiros cavalos apresentavam maior mobilidade.

Pignatelli nasceu em 1525, em uma família nobre napolitana originária da Calábria. Foi aluno de Giannetto Conestabile. Enquanto ,algumas fontes modernas, dizem que ele também estudou com Federico Grisone, fato esse que não há provas documentais.

Em Nápoles, ensinou cavalheiros de toda a Europa, que vinham para aprender a arte de andar à cavalo. Seu ensino foi inovador: ele foi um dos primeiros a ensinar o estilo chamado à *la brida* , que não era tão severo quanto o tradicional estilo barroco à *la jineta*.

Teve como alunos: Salomon de La Broue; Antoine de Pluvinel; e, o patrono de De Pluvinel, o Chevalier de Saint-Antoine.

Pignatelli continuou a ensinar na velhice, mas em 1588 sua "idade extrema" o impediu de o fazer. Morrendo antes do final do século.

Ao contrário de muitos de seus contemporâneos ou sucessores, como Grisone, Fiaschi, Pasquale Caracciolo, Claudio Corte, Pirro Antonio Ferraro, Giovanni Paolo d'Aquino, Paolo de 'Pavari, esses que publicaram tratados sobre vários aspectos da equitação, muitos dos quais logo foram traduzidos e circularam por grande parte da Europa, Pignatelli nunca teve nenhum trabalho publicado. Há um manuscrito de seu tratado sobre os cuidados veterinários e o tratamento do cavalo na *Bibliothèque Sainte-Genève* em Paris, descrito em 1838. Tal manuscrito foi dividido em trezentos e setenta e seis capítulos. Incluía seções sobre curas para parasitas e doenças, sobre pontes e manejo de cavalos

Outro manuscrito, com o título *L'arte veterale*, é conservado em Verona na Itália; tendo uma transcrição publicada em 2001.

Devido sua influência em La Broue (França) esse se tornou instrutor de equitação do rei da França em 1594, e iniciou a primeira academia de equitação no país, moldando o desenvolvimento da arte do adestramento clássico, que se difundiu pela Itália e pela França, mas também para a Inglaterra, para o mundo de língua alemã, para a Escandinávia e, eventualmente, para a península Ibérica.

Em 1576, Prospero d'Osma, aluno e colaborador de Pignatelli, foi contratado por Robert Dudley, Conde de Leicester (Inglaterra), para preparar um relatório sobre o estado dos estábulos reais da rainha Elizabeth. Mais tarde d'Osma abriria sua escola de equitação no distrito de Mile End, em Londres (Inglaterra).

CAPÍTULO 2.5. ANTOINE PLUVINEL DE LA BAUME (FRANÇA – 1522 A 1620)

Estudou seis anos com Pignatelli e em seu regresso para a França trabalhou muito para modificar certas práticas da escola napolitana das quais discordava, especificamente, das embocaduras severas e o tratamento excessivamente rigoroso (às vezes brutal) que Pignatelli dispensava aos cavalos.

A equitação clássica deste período era desenvolvida para a guerra e dava ênfase à reunião do cavalo em todos os movimentos. Os cavalos executavam movimentos como curvetas e cabriolas e outras figuras da alta escola.

Pluvinel inventou o trabalho nos palanques (*pillier*).

Ocupou um cargo alto, ensinou, treinou e escreveu posições que aumentavam sua autoridade muito além dos estritos limites da equitação. Foi *écuyer* e cortesão de Henri III, Henri IV e Louis XIII, fundou junto com La Guérinière a Equitação Acadêmica nas *Tuileries* em Paris, local que a nobreza francesa aprendia as artes equestres e outras artes essenciais ao seu cultivo e posição social.

A obra de Pluvinel apareceu pela primeira vez postumamente em 1623 como *Le Maneige Royal*, e em forma expandida em 1625 como *L'Instruction du Roy*. Em vez de um tratado, o livro assume a forma de um diálogo entre Pluvinel com o mestre e jovem *Dauphin* (mais tarde Luis XIII, Rei da França) como aluno. Na Parte I, o Rei pergunta a *Monsieur de Pluvinel* o que se deve fazer para se tornar um cavaleiro perfeito, como o título sugere, que é como a filosofia no revela, como a

teoria da Equitação nos traz e como o adestramento de Pluvinel é ensinado; quanto à Parte II, o Rei começa a cavalgar, colocando os ensinamentos teóricos em prática.

Pluvinal se considera não apenas um professor de arte equestre, mas também um professor de virtude e moralidade. É destacável que o ensino é ponto chave e estrutural das duas partes do livro *Le Maneige Royal* (como diz Hilda Nelson).

[...] um nobre deve desenvolver a razão, a graça e o bom julgamento através do aprendizado, de acordo com sua inclinação, energia e disposição, [...] E use-os para aperfeiçoar as habilidades atribuídas a ele por natureza e posição; e um nobre como cavaleiro (e vice-versa) também deve levar um cavalo à razão e à expressão de sua graça inata por meio do treinamento, de acordo com sua força, sua agilidade e leveza, sua memória e sua disposição com base no seu bem, ou má vontade. Aperfeiçoar um cavaleiro e aperfeiçoar um cavalo, em suma, são processos paralelos”. (livro *Le Maneige Royal*).

No que diz respeito a este último, toda a ciência da educação dos cavalos, escreve Pluvinel, reside em fazer um cavalo obediente à mão do freio e aos dois calcanhares. O cavaleiro deve usar paciência, indústria e julgamento. E deve ser poupador de golpes e ser generoso com carícias e lisonjas. Como cada cavalo tem seu próprio ar particular que é natural para ele, o cavaleiro deve identificar esse ar e permitir que o cavalo a expresse completamente. Quanto aos detalhes, Pluvinel defende o trabalho com um cavalo gentilmente, por pouco tempo e com frequência; trabalhando com ele no que ele acha mais difícil, até que ele finalmente obedeça; e trabalhando-o através de um regime rigoroso de movimentos, especialmente o retorno, “o movimento mais importante que um bom cavalo pode fazer, porque nele existe mais ciência do que em qualquer um dos outros.” O objetivo final de Pluvinel (<https://www.horsetalk.co.nz/2017/02/25/royal-equerries-pluvinel-de-la-gueriniere/>)

Pluvinel, em resumo, levou a equitação desde suas origens napolitanas do século XVI até sua encarnação francesa do século XVII. Contribuiu com as primeiras prescrições detalhadas para alcançar ares altos.

A publicação de *Le Maniege Royal* em edição acessível é bem ilustrada. Oferece amplo acesso. Hoje temos Pluvinel para aprender técnicas e para entender a história, e as ler vale bem o tempo e o esforço que eles exigem e merecem.

CAPÍTULO 2.6. FRANÇOIS ROBICHON DE LA GUÉRINIÈRE (FRANÇA: 1688-1751)

Foi aluno de Pignatelli e baseou-se no exercício de espáduas para dentro, abaixou a frente das selas, flexionava as ancas e as espáduas.

Foi Diretor do *Manège des Tuileries*, herança de Pluvinel.

Escreveu em 1773 *École de Cavalerie*, seu principal título, que surgiu pela primeira vez como um folhetim completo em 1733, sendo que as peças foram publicadas entre 1729 e 1731. O volume compreende três partes sobre o que seu autor chama de "três aspectos essenciais" da equitação: "conhecimento do cavalo, a maneira de treiná-lo e seu cuidado". A parte I cobre as partes externas do cavalo, seu discernimento, sua idade, suas diferenças de pelagem, a variedade dos cavalos de países distintos, o bocado e a sela. A Parte II contém princípios para o adestramento do cavalo, seja para o manejo ou para a guerra, para a caça ou para a atrelagem. A Parte III apresenta um tratado sobre os ossos do cavalo; catalogando as doenças, fornecendo receitas para essas; além de discutir sobre cirurgias para cavalos, incluindo as praticadas no século 18, como sangrar a ferro quente.

Obra essencialmente do século XVIII, *École de Cavalerie* é enciclopédia, e não é didática e racionalista, nem tampouco moralista. Reflete e avança quanto aos valores centrais do Iluminismo, quanto a razão desinteressada da ciência, do sistema e do método, combinados com valores mais especificamente franceses de clareza e concisão na expressão. De *La Guérinière* definiu sua tarefa como: "o desenvolvimento do que é verdadeiro, simples e útil na arte da equitação, com o objetivo de evitar as excursões e repetições tediosas encontradas nos tratados mais antigos". Um tradutor recente identificou bem o fundamento dessa tarefa como uma convicção de "aperfeiçoabilidade do potencial da natureza através dos poderes da razão humana", juntando-se a um conceito de bondade inerente", no qual a escola serve principalmente para destacar "as excelentes qualidades do cavalo.

Três pontos-chave da Parte II da *École de Cavalerie* podem servir para ilustrar os pensamentos de *La Guérinière* sobre o adestramento:

- a. A equitação deve ser baseada em uma teoria, pois sem a teoria, a prática será sempre incerta; e a teoria, para ser eficaz, deve fornecer princípios sólidos que não se oponham ao natural, mas permitir que o cavaleiro aperfeiçoe a natureza com a ajuda da arte.
- b. Para aplicar esses princípios, um verdadeiro cavaleiro deve gostar de cavalos, ser enérgico e ousado e ter paciência abundante; deve fazer uma compreensão da natureza de um cavalo - física e psicológica - sua consideração principal; e deve adquirir graciosidade por meio de postura correta e assento independente, resultantes de atenção estrita ao uso do corpo como contrapeso.
- c. Estar entre a mão e as pernas é a qualidade de uma pessoa perfeitamente treinada para a lida com o cavalo; flexibilidade e obediência são as primeiras qualidades que um cavalo deve ter para ser treinado; e o ombro é uma lição indispensável para desenvolver essa flexibilidade.

Embora talvez não seja o primeiro cavaleiro a usar o ombro, de *La Guérinière* certamente criou os princípios e a prática para seu uso sistemático e, provavelmente mais importante, contribuiu com uma teoria abrangente, coesa e científica da equitação, que preparou o terreno para a contra-teoria de François Baucher e, eventualmente, a negociação dos dois por Nuno Oliveira.

CAPÍTULO 2.7. FRANÇOIS BAUCHER (FRANÇA: 1796 A 1863)

Nasceu em 1796, em Versalhes. Revolucionando a equitação na França e influenciando decisivamente nos princípios da arte equestre. Sendo um dos mais célebres equitadores do mundo, um grande mestres.

Baucher era um excelente cavaleiro, treinador e professor de equitação. Achava que o ensino tradicional não era claro, mas sim vago e fútil; e, começou a criar seu próprio sistema científico.

Em seu livro, François Baucher, traz o homem e seu método, transcrito por Hilda Nelson, da seguinte forma: "O objetivo do método de Baucher é a disposição total da força do cavalo e a submissão total do cavalo à vontade do cavaleiro".

Baucher descobriu que a origem da resistência do cavalo estava na divisão incorreta de sua massa no terreno, adicionada ao fraco domínio, pelo cavaleiro, de suas forças.

Portanto, a educação adequada de um cavalo deve começar do alto, seguido por um conjunto de flexões dos maxilares, nuca e pescoço, adicionadas a alguns exercícios suplementares dos ombros, quadris e glúteos. Então, as mesmas flexões devem ser feitas a cavalo, paradas. Depois seguir para o trabalho de reunião.

Definiu e trouxe o *Rassemble*, que consiste em aplicar simultaneamente uma ação progressiva das pernas e uma resistência correspondente da mão, a fim de fazer o cavalo encurtar sua base de apoio e, assim, se recompor. O cavalo que está sendo absolutamente leve em sua extremidade frontal através das flexões diretas da mandíbula (a cabeça é vertical, o cavalo mastiga sua parte e as rédeas são praticamente presas) e progressivamente acostumado a trabalhar em uma base mais curta, ficando então sob o domínio absoluto de seu cavaleiro.

Baucher inventa o *piaffe* e a passagem.

Vai trabalhar no *Cirque des Champs Elysees*. Mas se torna controvérsia para a elite da equitação com esse emprego.

Publica, em 1842, o Método de Equitação Baseado em Novos Princípios.

Conflita com os ideais do Conde d'Aure, que, apesar de ser um excelente cavaleiro da Alta Escola, estava mais interessado em andar ao ar livre. Seu princípio básico era seguir em frente e reter a energia natural do cavalo.

No segundo método aplica: “A leveza”, que “agora é procurada apenas pela mão, por meio de meias paradas para se opor à resistência do peso e vibrações para se opor às resistências de forças”.

Por último, mas não menos importante, o novo axioma é apresentado: “Mãos sem pernas, pernas sem mão”.

Baucher faleceu em 14 de março de 1873, deixando ao então Coronel L'Hotte, suas últimas palavras ao lhe segurar a mão: “Lembre-se bem: sempre isso”, e ele imobilizou sua mão sob a pressão da dele, “nunca isso” e ele puxou minha mão para mais perto do meu peito”.

CAPÍTULO 2.8. CONDE D'AURE (FRANÇA)

Possuía a alma de um inovador e se mostrou mais preocupado em transformar do que transmitir.

Na Escola de Versalhes, tinha uma missão essencial, que primava sobre qualquer consideração tradicional: cabia-lhe estabelecer, fixar e fiscalizar, definitivamente, uma equitação militar, pois era uma Escola de Cavalaria, antes de ser um Conservatório da Arte Equestre. Dedicando toda a sua atenção a esse ponto.

Seguia rigorosamente a prescrição do instrutor chefe, mas deixava seus alunos livres para aperfeiçoar suas montadas, independente do método adotado. Sendo que cada um poderia recorrer a processos de Guerinière a Baucher.

A equitação artística não era difundida na Escola de Cavalaria. Logo, o Conde D'Aure não falava na descida de mão e nem na descida de pescoço. Rejeitando sem razão esses aspectos, pois, seus métodos fundamentavam-se na preparação do cavalo no exterior.

CAPÍTULO 2.9. GUSTAV STEINBRECHT (ALEMANHA: 1808 – 1885)

Considerado um dos mestres do adestramento, sendo seu princípio seguido até hoje nos princípios fundamentais do treinamento de adestramento da Alemanha.

Estudou medicina veterinária em Berlim, seguindo para Moabit, aonde passou oito anos aprendendo com Louis Seeger.

Casou-se com a sobrinha de Seeger. Foi responsável por um estabelecimento de 1834 a 1842 em Magdeburgo, regressando a Berlim na sequência. Em 1849 assumiu o cargo dos negócios dos Seeger, local esse que começou a trabalhar sobre um livro de equitação.

Em 1859 adquiriu seu próprio estabelecimento em Berlim, mas regressa a Berlim, permanecendo lá, e treinando cavalos, até sua morte em 1865.

Teve como principal obra *Das Gymnasium des Pferdes* – O Ginásio do Cavalo ou Academia do Cavalo, livro esse ampliado e editado por seu pupilo Paul Plinzner em 1886.

De Steinbrecht, temos: “monte seu cavalo para frente e em linha reta [...] faça-o direito [...] mantenha-o reto”; “todos os exercícios de treinamento seguem um ao outro de tal maneira que o exercício anterior sempre constitua uma base segura para o próximo. As violações dessa regra sempre exercerão pagamento mais tarde; não apenas por uma perda tripla de tempo, mas com uma frequência por resistências, que durante muito tempo, se não para sempre, interferem na relação entre cavalo e cavaleiro”; e:

[...] se a arte não fosse tão difícil, teríamos muitos bons cavaleiros e cavalos excelentemente montados, mas, como é, a arte exige, além de tudo o resto, traços de caráter que não são combinados em todos: paciência inesgotável, perseverança firme sob estresse, coragem combinada com alerta silencioso. Se a semente estiver presente, apenas um amor verdadeiro e profundo pelo cavalo poderá desenvolver esses traços de caráter até a altura que por si só levará ao objetivo[...]

CAPÍTULO 2.10. FEDERICO CAPRILI (ITÁLIA: 1868 – 1907)

Introduziu o sistema de cavalgar para a frente, isto na Escola de Cavalaria Italiana em 1904.

Da virada do século 20, na Itália, o sistema evoluiu por um todo, isto na Escola de Cavalaria Italiana, sob o comando do Oficial Federico Caprilli. Foi introduzido em 1904; e, adotado como um todo em 1907. Estabeleceu as bases para o atual sistema de equitação, voltado para a frente. Os cavaleiros começaram a ser ensinados a seguir o movimento do cavalo, ou seja, para frente, equilibrando-se nos estribos, e não no assento. Caprilli acreditava que "o principal objetivo do cavaleiro deve ser responder a todas as mudanças de equilíbrio seguindo os movimentos do cavalo".

Ensinou os cavaleiros a se equilibrarem com o equilíbrio natural para a frente do cavalo. E ao pular, Caprilli disse: “Um cavalo que se aproxima do obstáculo

deve aprender a não temer a ação do cavaleiro. Ele deveria estar convencido de que o cavaleiro sempre lhe dará a liberdade de pular e não o interferirá ou machucará sem nenhum objetivo. ”

CAPÍTULO 2.11. GENERAL DECARPENTRY (FRANÇA: 1939)

Entre 1933 a 1939 participou de todos os júris internacionais do meio equestre. Sendo considerado um grande árbitro. Além de otimizar o estudo da arte equestre.

Dizia que a meia parada "É um ação comparável àquela que é preciso levantar rapidamente um bloco de pedra de um degrau de escada e colocá-lo sem ruído num degrau superior" (Gen Decarpentry). Logo, não deve ser assimilada como a ferramenta ideal para cavalos novos, pois os mesmos possuem o desequilíbrio normal em sua fase de adestramento.

Trazia que o trabalho do cavalo deveria ser em círculo, volta ou meia volta dando ênfase à ação da mão interna, de tal forma que o *pli* fique bem definido pela rédea ativa. Com a rédea externa, promovemos uma ação reguladora de modo que a mão correspondente permaneça resistindo até o cavalo ceder. E se não acontecer, a mão externa poderá, abrir e fechar os dedos, produzir vibrações na rédea para estimular o cavalo a mobilizar o maxilar. (Polígrafo Decarpentry, Capítulo V, assunto: Prática dos Flexionamentos).

CAPÍTULO 2.12. ALVIM SCHOCKEMOHLER (ALEMANHA)

Destacou-se entre os anos de 1960 e 1970, participando da equipe Olímpica Alemã em 1960, em 1968 e em 1976 e de Campeonatos Europeus.

CAPÍTULO 2.13. PAUL SCHOCKEMOHLER (ALEMANHA)

Vencedor por três vezes consecutivas do Campeonato Europeu de Salto, nos anos de 1981, 1983 e 1985. Permanecendo como façanha única e confirmado com os títulos subsequentes das Olimpíadas e da Copa das Nações.

Sua equitação de renome faz dele um dos mais procurados especialistas de equitação.

É considerado um mestre da atualidade, pois, além de equitar com sucesso detem grande reputação internacional, como profissional do esporte, e como treinador.

Conseguiu transmitir seu legado olímpico a grandes jinetes como Ludger Beerbaum, Franke Sloothaak e Dirk Hafemeister.

Destaca-se até hoje como técnico, tendo em seu currículo treinando as equipes do Japão, da Ucrânia, da Coreia do Sul, da Arábia Saudita.

Tem grande sucesso no seu profissionalismo ao treinar com grande capacidade de gestão dos jinetes com ambições de participações em campeonatos internacionais.

Em seus estábulos, seus evidentes ganhões saltam aos olhos do mundo, sendo proprietário de Chacco Blue (ganhão número 1 do mundo (WBFSH-List).

Em seu recinto, saltou o campeão olímpico Waltz King com The Freak; saltou também o campeão europeu por equipe Ludger Beerbaum.

Gerenciou o Derby Alemão de Salto e Adestramento de Hamburgo, o CDI-W / CSI Neumunster, o CSI-W Leipzig.

Em seu estábulo, em Muhlen, ou em seu berço em Lewitz, os clientes se depararam com cerca de 450 equinos, entre os níveis de 1,10m a 1,40m; com potenciais de alcançar 1,50m a 1,65m.

É grande incentivador de leilões, e não só de cavalos de salto, mas também de cavalos de adestramento.

CAPÍTULO 2.14. PIERO D'INZEO E RAIMONDO D'INZEO (ITÁLIA)

Piero era um italiano que viveu entre 1923 e 2014. Representando seu país, também como militar que era, nos Jogos Olímpicos de 1948, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968, 1972 e 1976, conquistando duas medalhas de prata e quatro bronzes, das oito participações olímpicas na modalidade do salto.

Raimondo era um italiano que viveu entre 1925 e 2013. Representando seu país, também como militar que era, nos Jogos Olímpicos de 1948, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968, 1972 e 1976, conquistando a medalha de ouro em 1960.

CAPÍTULO 2.15. PIERRE JONQUÈRES D'ORIOLA (FRANÇA)

Françês de renome na modalidade de salto, vivendo entre os anos de 1920 e 2011.

Representou a França nos Jogos Olímpicos de 1952, 1964 e 1968, galgando a medalha de ouro, no salto, nos anos de 1952 em Helsinque e em 1964 em Tóquio.

Único jinete a ser bicampeão na modalidade individual de salto.

CAPÍTULO 2.16. JOHN WHITAKER (GRÃ-BRETANHA)

Nascido em 1955, é cavaleiro e atleta britânico na modalidade de saltos. Tendo participado dos Jogos Olímpicos de 1984, sendo medalhista de prata. Foi medalhista mundial por cinco vezes em 1986, 1990, 1982, 1990 (individual) e em 1998. Além, de ser premiado 13 vezes no Campeonato Europeu entre 1983 e 2007, conquistando 4 medalhas de ouro, 6 medalhas de prata e 3 medalhas de bronze.

CAPÍTULO 2.17. MICHAEL WHITAKER (GRÃ-BRETANHA)

Nascido em 1960, britânico e irmão mais novo de John Whitaker. Assumiu a posição do irmão em 1993 no cenário da modalidade de saltos. Foi vencedor do Derby de Hickstead em 1980, com apenas 16 anos.

CAPÍTULO 2.18. FRANK SLOOTHAK (ALEMANHA)

Nascido em 1958, holandês de Heerenveen (antiga Alemanha Ocidental). Campeão Olímpico de 1988 e 1996, além de lograr em alcançar a medalha de bronze em 1984.

Detém o recorde mundial de Salto em ambiente fechado de 1991, equivalente a 2,40m, feito esse realizado em Chaudfontaine, tendo por montada o cavalo Belga Optiebeurs Golo.

CAPÍTULO 2.19. NELSON PESSOA (BRASIL)

Nascido em 1935, começou a praticar muito cedo, participando dos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956, com seus 21 anos. Em 1961 mudou-se para a Europa para aperfeiçoar seus conhecimentos, ganhando o apelido de “Feitiçeiro”, pela forma que conduzia suas montadas.

Foi ouro por equipes e prata no individual nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg. Teve participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964.

CAPÍTULO 2.20. NUNO COELHO VICENTE (PORTUGAL)

Nascido em Moçambique, Nuno Coelho Vicente é equitador e professor de Equitação há mais de vinte anos. Formado pela escola de Mafra, estudou com alguns dos maiores mestres de Equitação de Portugal.

Como proposta do livro *Apontamentos Equestres*: buscou um estudo da Equitação com profundo conhecimento no cavalo e de sua origem. Ou seja, reunir em uma única obra os mais importantes fatos sobre o cavalo e sobre essa maravilhosa Arte chamada Equitação. Desde a história do *Equus* até técnicas de treinamento e exercícios para todos os níveis.

CAPÍTULO 2.21. MARK TODD (NOVA ZELÂNDIA)

Nascido em 1956, tem destacáveis títulos na modalidade CCE, sendo votado pela FEI, o jinete do século XX.

É bicampeão Olímpico de 1984 e 1988, conquistando ainda a medalha de bronze nas Olimpíadas de 2000.

Por equipes foi ouro na Olimpíada de 1988 e em 2012.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE METODOLÓGICA

CAPÍTULO 3.1. PRINCÍPIOS GERAIS

Como o Mestre Nuno nos trás em seu livro *Apontamentos Equestres*, a evolução do cavalo na Europa, teve sua disseminação do que hoje conhecemos como Portugal e Espanha, isto em um segundo momento, pois foram cavalos ibéricos que disseminaram seus genes na Europa, sendo antecidos pelos cavalos das planícies asiáticas, mas esse ponto é análise para outra abordagem.

No entanto, cada país do que hoje conhecemos como Europa, com seu nacionalismo exarcebado, e voltados às suas necessidades se desenvolveu, por cruzamentos genéticos, apresentando cavalos com características morfológicas distintas e cada qual voltado ao interesse de cada nacionalidade.

Hoje, há reticências históricas nas formações das atuais raças de equinos, existindo diversos tipos de cavalos que não existem documentação científica.

Segundo Daphne Machin Goodall em *A History of Horse Breeding*, existem evidências que o cruzamento de cavalos pesados e de cavalos leves se deu 700 a.C., sendo o cavalo leve utilizado inicialmente para puxar carroças e não para montaria, como animal de carga para transportar entre as distâncias grandes volumes.

Os cavalos de maior porte originaram-se da seletiva de cavalos para as Corridas de Cavalo e o Jogo de Pólo, na Pérsia. Já os grandes cavalos são originários do cruzamento entre o Cavalo das Florestas e o Cavalo Árabe, conforme definições de Nuno de Oliveira no livro *Apontamentos Equestres*, utilizados estes por Cesar e outros imperadores romanos.

Por volta de 700 a.C., a Armênia e a antiga Média (país antigo do Oriente Médio), transformaram-se em criatórios de cavalos, com exemplares Persas, desenvolvendo a raça Niseana. Surgindo a raça Turkemene, que deu origem as seguintes raças asiáticas: Akhal-Teke, Kabardin, Karabakh, Karabair e o Lokai.

No entanto, os hipólogos concordam que as atuais raças provêm de cruzamentos de três espécies de equinos primitivos, ocorridos naturalmente, além de cruzamentos posteriores manipulados pelo homem. Sendo que a seleção

natural ocorreu de acordo com clima e a flora, selecionados naturalmente pelo porte maior ou menor, mais ou menos robusto, mais ou menos veloz, mais ou menos resistente.

Avançando-se no conhecimento progressivo do homem, e o cavalo evidenciando como companheiro inseparável, conclui-se que suas aptidões funcionais eram diretamente dependentes de sua morfologia, fato que conduziu a cruzamentos específicos para obter tipos funcionais que os homens pretendiam ter.

As novas combinações tiveram base em duas milenares raças de sangue quente: a árabe (descendente do Tarpan) e a Ibérica (conhecida também como Pura Raza Española ou Puro Sangue Lusitano, descendente do Berbere, do Przewalsky, com influência do Tarpan).

Cruzando-os com cavalos de sangue frio para maximizar o tamanho e a força teremos evidenciado a contribuição de seus sangues em todas as manadas.

Os Zoólogos definem uma raça livre de interferência de sangue exógeno se há 50 gerações não houve cruzamento diverso. Assim o PSI (Puro Sangue Inglês), como raça mais moderna é formada há cerca de 600 anos, originou-se do cruzamento de éguas ibéricas com garanhões árabes.

Na Alemanha, a partir do Trakehner, raça essa desenvolvida na Prússia desde o final do século XVII, produziu os melhores cavalos de salto e adestramento do mundo: o Holsteiner, o Hanoveriano, o Westfalen, o Renano, o Oldenburg, o Mecklenburg, o Brandeemburg, o Württemberg e o Hesiano, que receberam o nome das regiões germânicas que os produziram e os controlam. Sendo raças em desenvolvimento e evoluindo continuamente de acordo com o aperfeiçoamento das técnicas relativas aos esportes hípicas.

Na França, de modo semelhante, temos o Selle Français, o Cavalo Francês de Carruagem e o Trotador Francês.

Na Hungria, temos: Gidran, Nonius, Shagua e Lippizana.

Na Polônia: o Malapolski, o Wielkopolski.

Na Holanda, hoje Países Baixos: Groningen e Gelderland.

Na Dinamarca: o Frederiksborg (dos vikings).

No continente americano, todos importados da Europa, sobretudo da Península Ibérica, França e Inglaterra.

Hoje o Puro Sangue Lusitano e a Pura Raza Española são raças oficialmente reconhecidas. Essas que sofreram contribuição do sangue árabe, além do PSI, Hackney, de tração, Sorraia e Garrano.

Hoje as únicas raças puras são: Puro Sangue Árabe, Puro Sangue Lusitano, Pura Raza Española e PSI.

CAPÍTULO 3.2. EVOLUÇÃO DOS CAVALOS

No livro de Bjarke Rink, O Enigma do Centauro, traz a cultura insciciente e em desenvolvimento que era tratada a educação do cavalo, conforme segue em suas próprias palavras:

Depois da queda de Constantinopla e do rompimento das vias terrestres com o Oriente pelos turcos, Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Itália e Holanda foram os países que melhoram e integraram as suas comunicações navais em busca de novos mercados além mar. Em consequência da nova prosperidade européia, também foram fundadas as primeiras academias de equitação. Mas essas instituições ainda davam ênfase em “quebrar o espírito” do cavalo em vez de conquistar sua confiança. A brutalidade que fazia parte do relacionamento social na Idade Média, produziu na Europa uma equitação violenta e de baixo nível técnico. Mais tarde, a tentativa de explicar a equitação por meio das leis mecânicas fez com que o equitador europeu enxergasse o cavalo apenas como um veículo! Com a intenção de organizar uma equitação ‘científica’, o equívoco, a confusão e a polêmica se prologaram até o século 20.

CAPÍTULO 3.3. MÉTODO FRANÇOIS BAUCHER: UMA DAS VÉRTENTES FRANCESA.

Conhecido pelas apresentações de Alta Escola em *circus-manéges* de Paris, introduziu a troca de pés ao tempo, fazendo demonstrações de trote e galope “a ré” (Bjarke Rink). Escreveu o Método de Equitação Baseado em Novos Princípios, vindo de encontro ao método desenvolvido e adotado por outro francês, D’Aure, pai da equitação militar encontrada hoje no Brasil.

Baucher produziu uma equitação mais voltada para os espetáculos, enquanto D'Autre voltava à sua para o exterior, fator esse progresso do sucesso francês no CCE. Sendo D'Aure consoante com a equitação seguida na Inglaterra e Prússia.

D'Aure insere a sela inglesa, lomos curtos e trote elevado. Para uma equitação voltada para o esporte.

Em 1842 Baucher é convidado para assumir Saumur e o ensino da equitação ao Exército Francês, no entanto, com a morte de seu padrinho o Duque D'Orleans assume em 1845 D'Aure.

As brigas e ataques aos métodos distintos continuaram, mas o que ambos não percebiam é que Baucher era para a equitação arte, enquanto D'Aure era voltado para uma equitação esportiva.

Baucher se aproximou do Adestramento Clássico, tendo suas obras traduzido; enquanto, na Alemanha Gustav Steinbrecht publicava um obra mais técnica e detalhada, mais que ficou sem tradução por diversos anos.

Assim, pelo nacionalismo típico, pragmatismo e sistematização do povo germânico, tipicamente encontrado até hoje na própria Escola de Equitação Espanhola em Viena, aonde os conhecimentos são retransmitidos oralmente, a equitação e os métodos alemães foram menos difundidos que os métodos franceses, logo a predominância dos métodos franceses no mundo.

Bjarke Rink nos traz em linhas bem definidas:

Mesmo introduzindo novas técnicas na equitação, nem D'Aure ou Baucher trouxeram qualquer modificação técnica a equitação clássica. Mas as suas diferenças de opiniões representaram o divisor de águas, onde o Adestramento e o Salto tomaram caminhos distintos. O trabalho de D'Aure teve continuação com Caprilli, e resultou nas provas de Adestramento Clássico e o trabalho de Baucher teve com L'Hotte e Decarpentry, e transformou-se na reprise de Dressage moderna.

Em pesquisa aos Manuais de Equitação da França, bem como aos da FEI (Federação Equestre Internacional), vemos elencados as lições de rédeas, fator esse não encontrado em nenhuma das traduções do Manual de Steinbrecht, outro alemão ou das traduções dos Manuais Alemães de Equitação.

CAPÍTULO 3.4. MÉTODO DE GUSTAV STEINBRECHT: UMA DAS VÉRTENTES ALEMÃS.

Gustav consegue, com sua publicação da Academia do Cavalo, obra essa de extrema precisão técnica e detalhamento, desconstruir a visão mecânica de equitação e insere a idéia do que hoje a evolução da equitação caminha, uma equitação com relação mais neurológica do homem e do cavalo, que foram desvendadas após o século 20, com avanços da fisiologia e da neurologia. Cabendo ressaltar que hoje há um projeto em andamento na Universidade de São Paulo, no Campus de Pirassununga, pela Dra Roberta Brandi, que indica por parâmetros pré-determinados que a variação de batimentos cardíacos entre cavalo e cavaleiro podem ser equivalentes, ou seja, o que varia um percentualmente varia o outro, como se ambos estivessem conectados.

Conhecido pelas apresentações de Alta Escola em *circus-manéges* de Paris, introduziu a troca de pés ao tempo, fazendo demonstrações de trote e galope “a ré” (Bjarke)

Seu livro é uma evidência dos conhecimentos equestres dos povos germânicos, que formaram a Prússia (já citada anteriormente como precursora de grandes raças) pelo Ordem dos Cavaleiros Teutônicos no século 13.

No início do século XIX Napoleão derrotou as forças prussianas, no entanto, essas se re-organizaram e junto com os Aliados, anos depois, e tendo em seu corpo de militares Gustav, esses que derrotaram Napoleão em Waterloo. Daí a ascensão alemã.

Sua obra foi dedicada exclusivamente ao Adestramento Clássico e a Alta Escola. Descrevendo a ação minuciosa do cavaleiro nos movimentos de Alta Escola e Altos Ares, explica a iniciação do cavalo jovem, o desenvolvimento da impulsão com uma posição natural de cabeça (sem a descontração de mandíbula adotada em alguns métodos franceses), a flexão de nuca, pescoço, coluna dorsal e membros posteriores.

Insera a definição de propriocepção, como segue:

[...] é a primeira obrigação do cavaleiro manter as partes, com as quais ele sente o cavalo, macias e flexíveis. Se o seu assento cumpre essa função, ele logo sentirá o movimento das patas dos

cavalos, e será capaz de distinguir cada um deles; ele então terá os meios à sua disposição para controlá-las como se fossem as suas [...]

Descreveu como adestrar e tirar bom proveito das qualidades de um bom cavalo, mesmo sem saber explicar como funcionava tal método, que só conseguira ser respondido no século posterior com a neurociência, com a fisiologia e psicologia.

CAPÍTULO 3.5. MÉTODO DE FEDERICO CAPRILLI: ITALIANO, COM INFLUÊNCIA DE D'AURE E STEINBRECHT.

Introduziu o conceito mais revolucionário de todos, elevou o cavalo de status de objeto a status de indivíduo, aumentando consideravelmente o seu desempenho no Salto Clássico.

O Capitão italiano Federico Caprilli (1868 – 1907), instrutor da Escola de Cavalaria de Pinerolo, em Turim, reconheceu que, na nova realidade de crescente poder das armas de fogo, mudando completamente o uso estratégico da cavalaria, reconheceu que as técnicas de treinamento clássico estavam ultrapassadas, e o novo papel seria o reconhecimento topográfico, necessitando de grande velocidade, em grandes distâncias e superando os diversos obstáculos, assim fez com que seus homens se ajustassem ao centro de gravidade e aos movimentos do cavalo (princípio da fusão neurofisiológica), assim temos evidenciado princípios de D'Aure e Steinbrecht, sendo ampliados e ampliados por Caprilli.

Caprilli reformulou a Cavalaria do Exército do ponto de vista tático estratégico, o que decairia 40 anos após sua morte, mas sendo propulsor da revolução na modalidade do salto.

Ensinava a seus alunos a se reequilibrar na mudança de andaduras, com velocidade e nos saltos, sem intervenção do cavaleiro e com seu eixo de equilíbrio em perfeita continuidade com o cavalo.

Dita que:

[...] o cavalo que foi treinado para saltar com um cavaleiro no dorso, no princípio com obstáculos baixos, será perfeitamente capaz de julgar a distância e decidir se deverá diminuir ou aumentar seus galões e regular o momento da saída do chão para o salto. A equitação deve ser executada sem instruções ao cavalo, sem ajudas ou outras teorias de distribuição de peso, e sim com o cavaleiro se antecipando e se ajustando aos movimentos do cavalo [...]

Descartava a reunião (método de D'Aure), porque segundo ele inibia a impulsão do cavalo para frente, sendo que a mão deve seguir a rédea e a rédea o movimento do cavalo. Devendo o cavaleiro intervir o mínimo possível no equilíbrio natural do cavalo e se ajustar a maneira do animal se movimentar (método de Steinbrecht).

Não cavalgava com rédeas soltas, montava de bridão, com contato suave sem exigir flexionamento de coluna e da cabeça do animal.

Ensinava a galopar em planos inclinados para frente, e nos saltos se elevando nos estribos para frente, paralelo ao pescoço do cavalo, estando ambos em um mesmo movimento.

Para facilitar esse deslocamento encurtou os estribos à maneira oriental.

Seu método ganhou a denominação de “assento avançado”.

Nunca escreveu nenhum livro, acabou com a visão mecanicista da equitação, teve uma nova concepção do cavalo o elevando a indivíduo, percebeu o valor neurofisiológico da relação (explicado dois séculos depois pela ciência).

CAPÍTULO 3.6. O EQUITADOR MODERNO.

A renascença equestre do século 21 será marcada por um crescimento científico do fenômeno equitação, que mudará totalmente a visão do cavalo e do seu papel numa sociedade moderna.

Nesse momento, as universidades e os esportes decolaram, com os estudos da equitação, tornando-se estas razões de desenvolvimento cultural, para a oportunidade de emprego, para o prazer de viver de muitos e aos mais afortunados fama e fortuna.

Bjarke Rink afirma:

Algum dia, os historiadores modernos também reconhecerão que a equitação foi o motor de todas as sociedades modernas e que, nos últimos 400 anos, o cavalo e a equitação foram a alavanca que elevou o Ocidente a sua atual liderança mundial

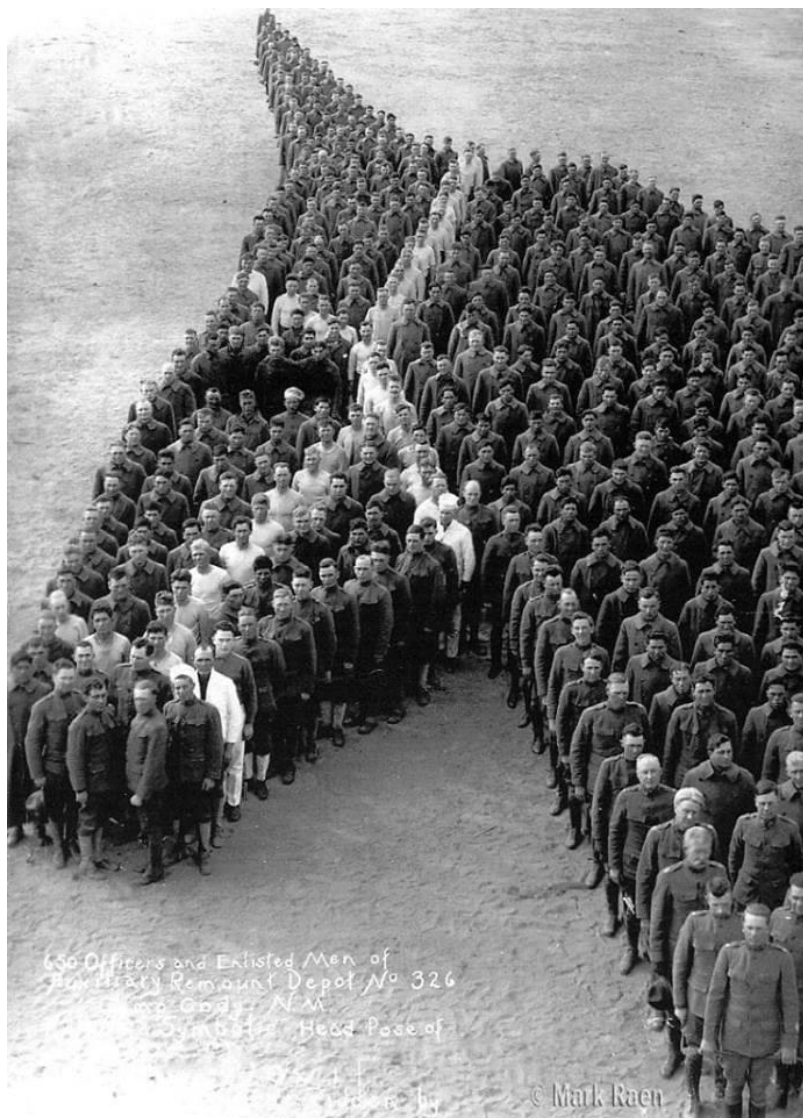


Foto 10. Homenagem aos 8 milhões de cavalos mortos na 1ª Guerra Mundial. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil/comments/ax5k0n/soldados_prestam_homenagem_a_8_milh%C3%B5es_de_cavalos/>, pesquisa em 08 de nov de 2019.

Com a rápida difusão de uma nova filosofia equestre, inevitavelmente a equitação será associada ao desenvolvimento cultural, o que já observado com crianças com deficiência física na Equoterapia, porque será compreendido que para se atingir a equitação simbiótica, o cavaleiro terá de adquirir uma boa equitação formal com sólida formação em medicina, neurologia, fisiologia, psicologia e ecologia, matérias essas correlatas as disciplinas equestres avançadas.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE QUALITATIVA DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados dezessete profissionais equitadores, formados em doze escolas de equitação distintas.

Entre esses, pouquíssimos foram os que conseguiram explicar algo sobre diferenciação doutrinária ou metodológica.

Foram entrevistados os seguintes, conforme questionário do anexo 3:

- Cel Reserva PMSC Ricardo Ribeira Freitas, formado na Escola de Saumur;
- Maj EB Eduardo Schlup, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, e com amplo conhecimento em métodos alemães de ensino da equitação, como Instrutor;
- Cap PMPR Viera, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- Cap PMPR Ayres, formado formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro; pela Escola de Equitação de Saumur na França e pela Escola de Equitação da Espanha como Maestro;
- 1º Ten PMESP Renato dos Reis da Freiria, formando pela Escola de Carabineiros do Chile como Instrutor;
- 1.º Ten PMESP Giovanni Morrelato Buzas, formando pela Escola de Equitação da Gendameriè (Polícia Francesa), como Monitor;
- Cel R1 Ruy Menescal Couto, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- Cap PMERJ Vet Cássia Cestari Delboni, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como instrutor e pela Escola do Exército Chileno como Maestro;
- Cap PMESP Clodoaldo Donizetti da Cruz, formado pela Escola de Equitação do Exército Uruguaio, como Instrutor;
- Cap PMESP Fernando de Medeiros Vasconcelos, formado pela Escola de Equitação do Exército Uruguaio, como Maestro;

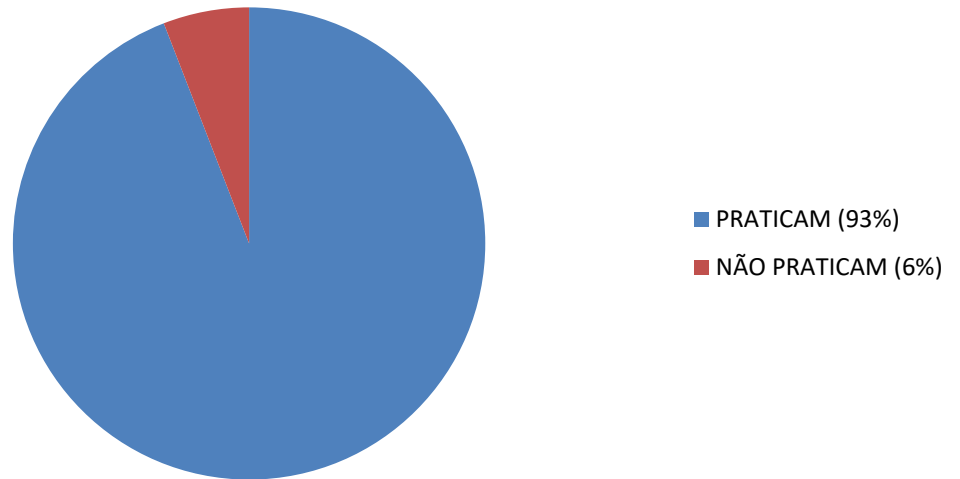
- Sr. Luis Fernando Monzon, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- Cap PMESP Rafael Kato, formado pela Escola de Equitação de Mafra em Portugal, como Instrutor;
- 1.º Tenente Alfredo Ramon Ojeda Miers, formado pela Escola de Equitação do Exército Paraguaio, como Instrutor, e formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- 1.º Tenente Oscar Omar Sernaque Llocya, formado pela Escola de Equitação do Exército do Peru, como Instrutor, e formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- Cel R1 Jeferson Sgnaolin Moreira, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- Ten Cel EB Fabrício Caldas, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor;
- Ten Cel BMRS Cláudio Goggia, formado pela Escola de Equitação do Exército Brasileiro, como Instrutor.

CAPÍTULO 4.1. PRATICANTES ATUAIS

Cabe destacar que os avaliados tem variação de tempo de serviço e de equitação, oscilando com grande nível a própria idade. Os dois extremos temos o 1.º Tenente Alfredo Ramon Ojeda Miers que pratica equitação a cerca de dois anos enquanto que o Sr. Luis Fernando Monzon encontra-se como juiz de salto FEI e da CBH com mais de 30 anos de equitação.

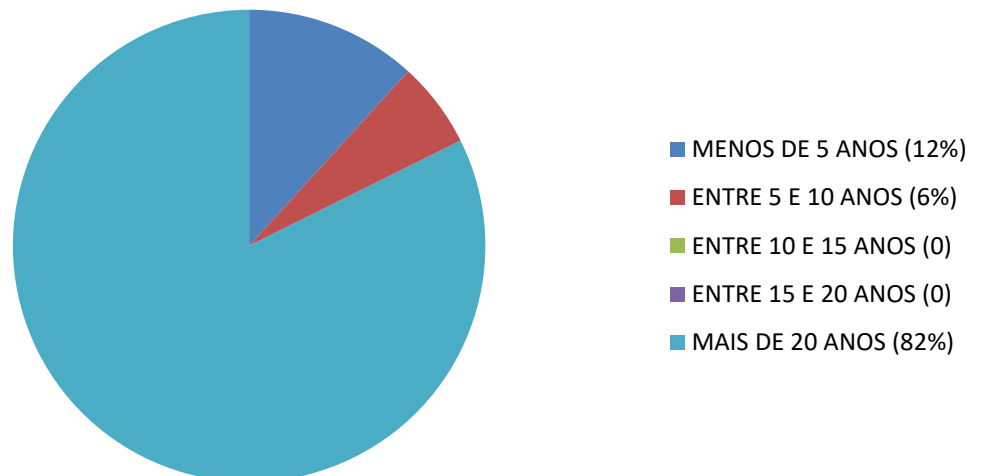
Logo, observamos da pesquisa:

PRATICANTES DE EQUITAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

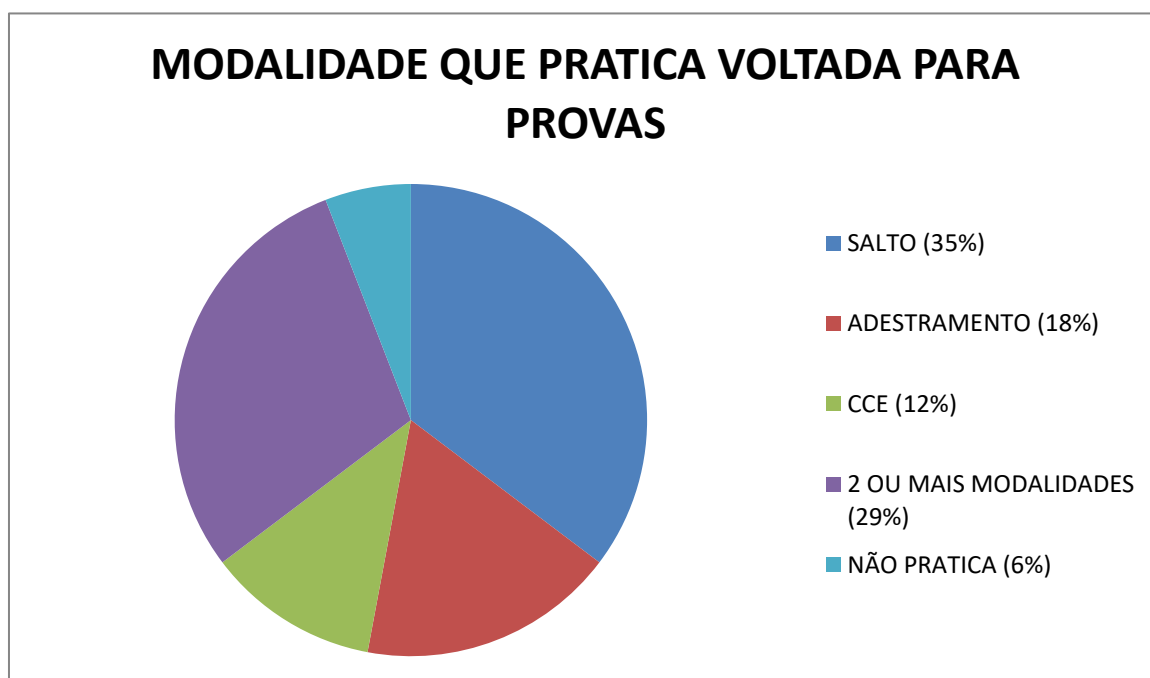


CAPÍTULO 4.2. TEMPO QUE PRATICA OU PRATICOU EQUITAÇÃO

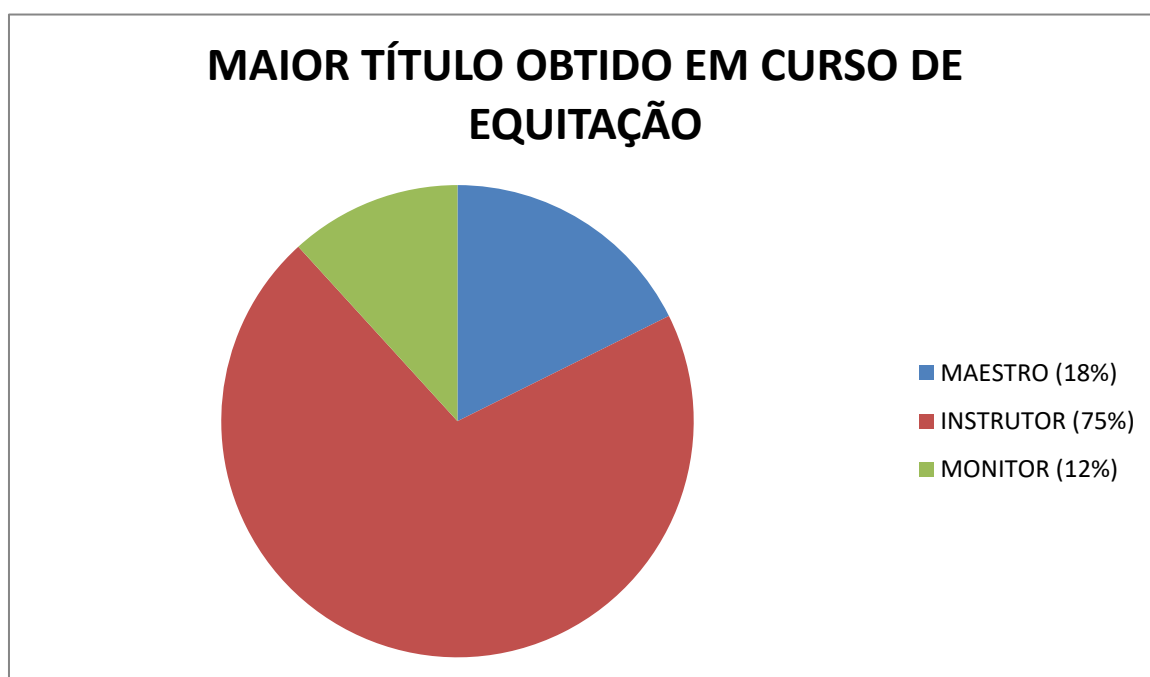
TEMPO QUE PRATICA OU PRATICOU EQUITAÇÃO



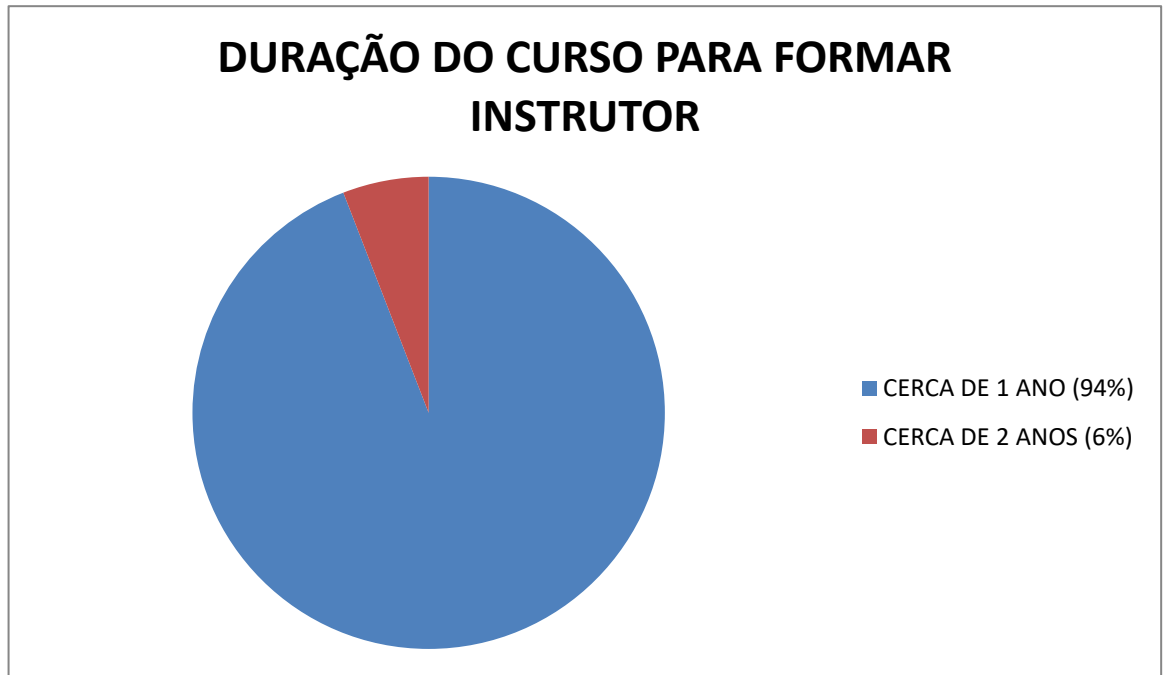
CAPÍTULO 4.3. MODALIDADE QUE PRATICA ATUALMENTE



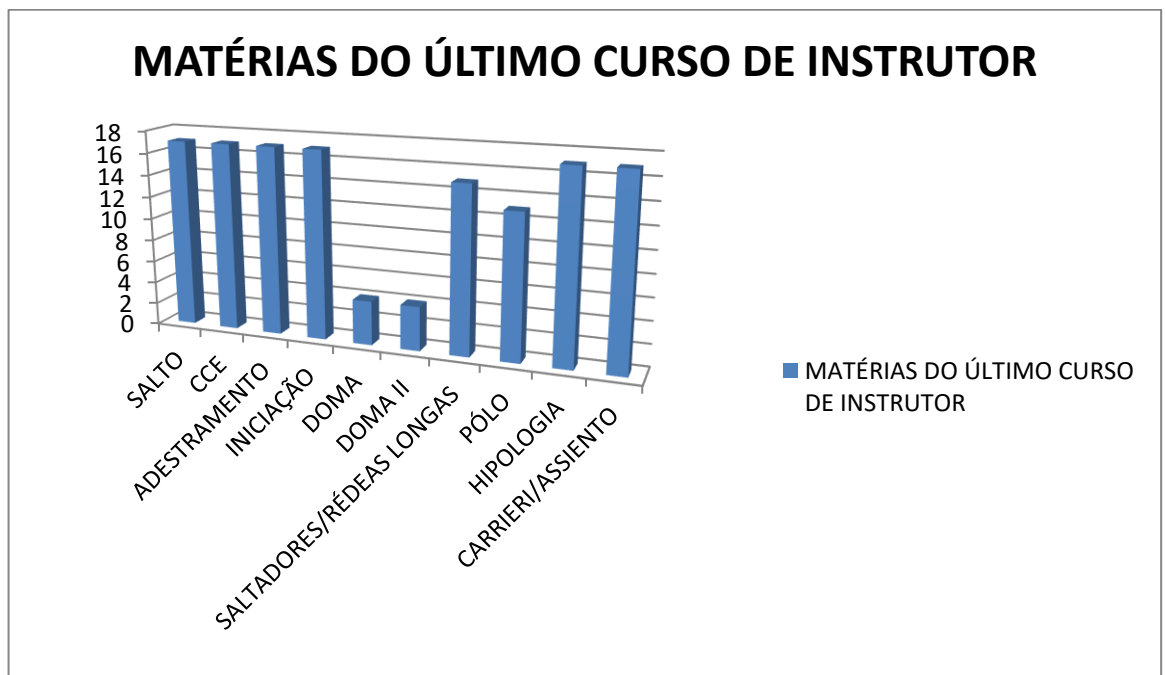
CAPÍTULO 4.4. TÍTULOS QUE OBTEVE



CAPÍTULO 4.5. DURAÇÃO DO CURSO

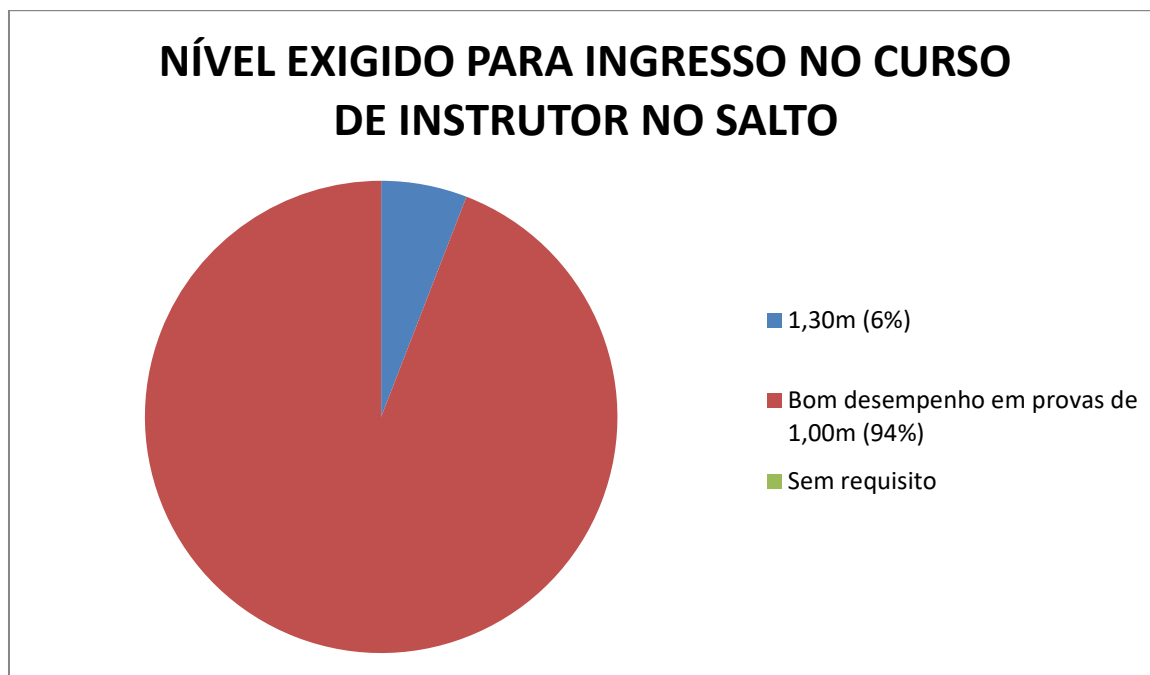


CAPÍTULO 4.6. MATÉRIAS DO CURSO DE INSTRUTOR

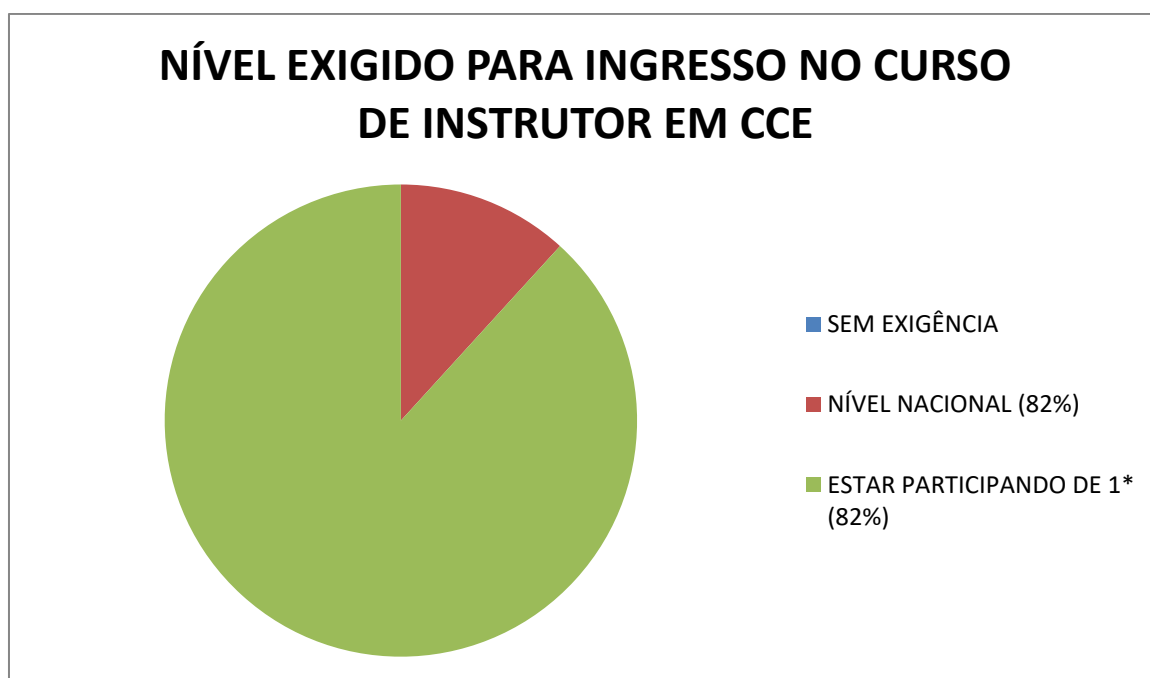


CAPÍTULO 4.7. NÍVEL EXIGIDO PARA INÍCIO DE CURSO

Para o salto:



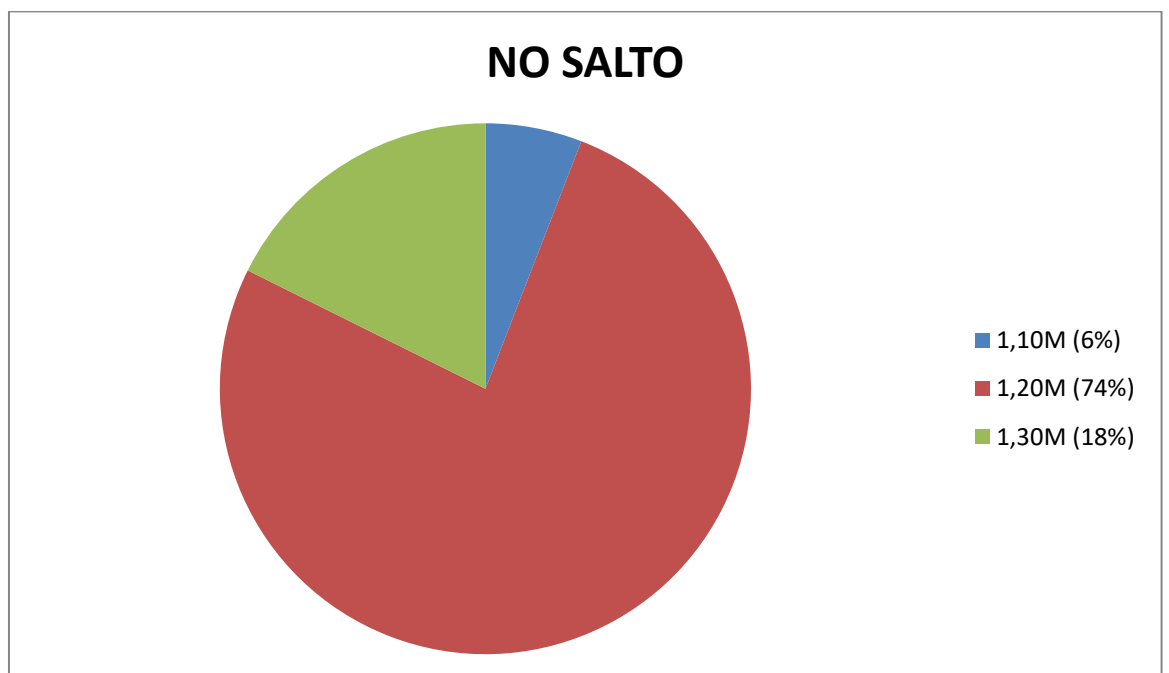
Para o CCE

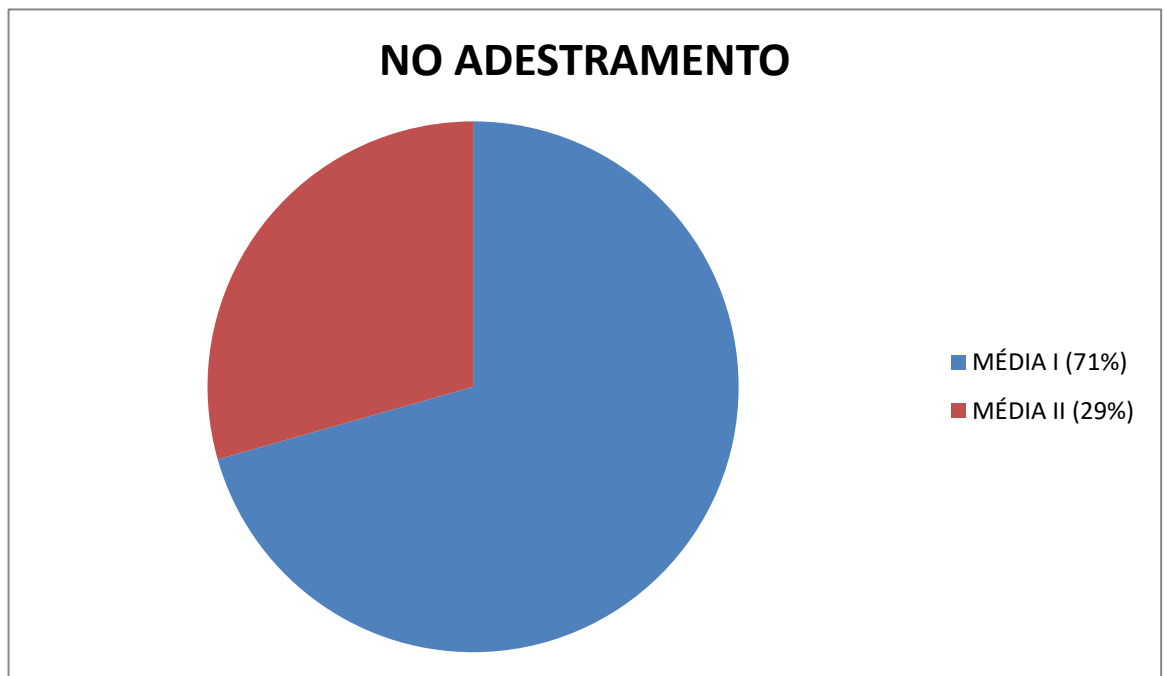
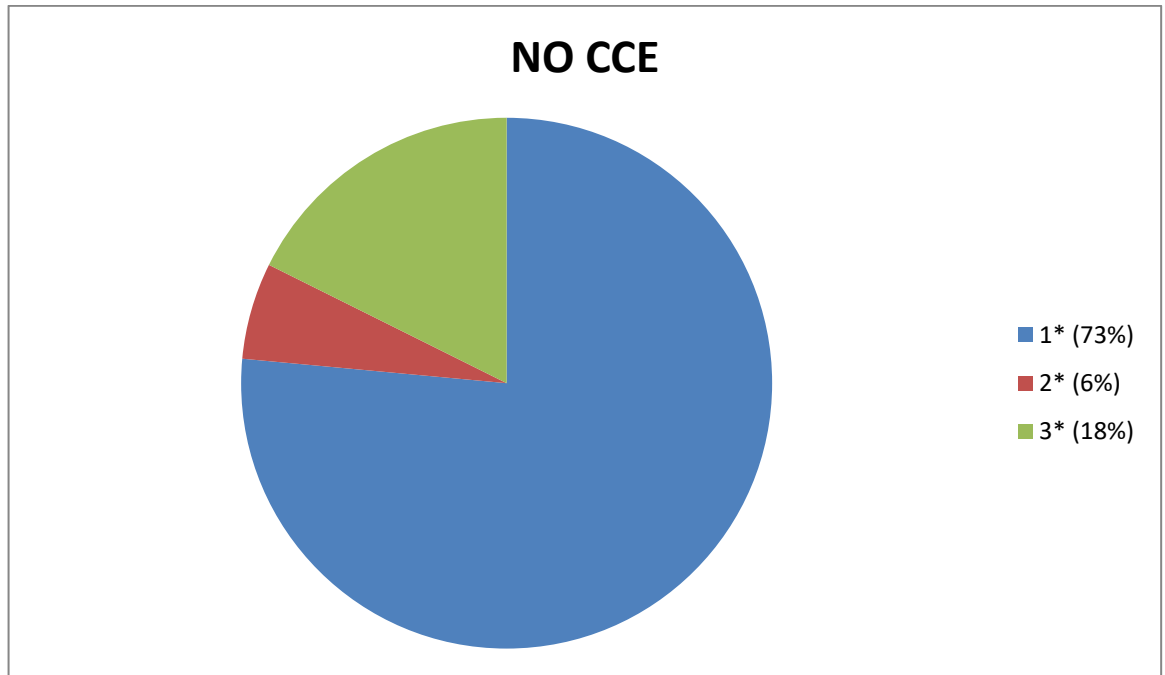


Para o Adestramento



CAPÍTULO 4.8. NÍVEL ALCANÇADO APÓS CURSO DE INSTRUTOR





CAPÍTULO 4.9. DIFERENCIAÇÃO DA DOCTRINA FRANCESA E ALEMÃ



CAPÍTULO 4.10. DIFERENCIAÇÃO DE MÉTODOS FRANCESA E ALEMÃ



CAPÍTULO 4.11. ANÁLISE QUALITATIVA DE QUESTÃO DISCURSIVA

Em linhas gerais avaliamos as Escolas de Saumur (França), Escola de Equitação do Exército Brasileiro, de Equitação da Gendamerie (Polícia Francesa), pela Escola de Equitação de Mafra em Portugal, Escola de Equitação do Exército Paraguai, com métodos mais próximos ao antigo de D'Aure, com influência no adestramento de Baucher e atualizadas por Caprilli.

As Escola de Equitação da Espanha como Maestro, Escola de Carabineiros do Chile, Escola do Exército Chileno como Maestro, Escola de Equitação do Exército Uruguaio, Escola de Equitação do Exército do Peru, tem sua formação constituída pela Exercicio Alemão, logo, o método empregado é o de Gustav Stenbrecht; pois foi o último doutrinador daquele exército; mas vale ressaltar que ha grande influência também de Caprilli

A maioria dos entrevistados, independente do tempo que monta, de 5 a mais de 20 anos, ainda praticam equitação.

Os critérios de engajamento no curso e de formação, no decorrer dos anos permaneceram semelhantes.

Apenas dois dos entrevistados conseguiram distinguir doutrina de método, logo, surgiram algumas definições que ressaltamos aqui como positivas a diferenciação, de forma grotesca e generalista o método alemão e francês:

São palavras da Cap PMERJ Vet Cássia Cestari Delboni, que corroboram com a diferenciação:

A equitação busca a melhor compreensão e o desenvolvimento da arte entre o cavalo e o cavaleiro, onde ambos, classificado como binônimo ou conjunto, alcancem a beleza, energia e equilíbrio do movimento para o desenvolvimento de exercícios e apresentações. As bases equestres, de modo resumido, propõe caminhos para se chegar em um mesmo objetivo. Na escola chilena, com base alemã, os cavaleiros estão muito atentas nas ajudas impulsoras, descrevendo e vigilando fortemente a aplicação do peso do corpo e pernas antes de iniciar ou preparar qualquer movimento, já que a impulsão é a base para qualquer movimento. Já a base francesa também se preocupam esses pontos, porém foca bastante na canalização do movimento, detalhando os efeitos de rédea, posição e intencidade que devem ser aplicadas. Detalhes nos movimentos e ensinamentos descritos de diversas formas, necessitando de tempo para detalhar, ainda mais que dentre uma base existem pensamentos e metodologias.

CAPÍTULO 5. HORSEMANSHIP: O COMPORTAMENTO NATURAL DOS CAVALOS E O RELACIONAMENTO COM OS SERES HUMANOS

CAPÍTULO 5.1. COMPORTAMENTO NATURAL DOS CAVALOS

O comportamento natural dos cavalos é um assunto cada vez mais estudado e discutido ao longo dos tempos e em todo mundo.

Conhecendo melhor as atitudes, as ações e reações, os comportamentos e os instintos dos cavalos, resolvemos muitos problemas considerados graves de comportamento, relacionamento e técnica.

As pessoas que possuem ou trabalham com cavalos devem estudar muito sobre tudo o que for natural e instintivo em termos de comportamento e atitudes. Assim, conseguirão, no dia-a-dia, e em cada ação, aperfeiçoar a relação homem-cavalo.

Os resultados podem ser grandiosos.

CAPÍTULO 5.2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O relacionamento entre o Homem e o Cavalo vem sendo estudado com maior aprofundamento com o passar dos anos, em contexto mundial. Quando falamos em relacionamento, cabe considerar as ações e atitudes de ambas as espécies.

Relacionar-se entre as espécies trata-se do ato de conviver, respeitar, ensinar, aprender e ser honesto, na convivência. Entre homem-cavalo devemos tudo, mais o fato de que a parte racional da relação é o homem.

Muitos cuidam de um ou mais cavalos, sendo responsáveis por tais vidas. Muitos que cuidam de cavalos, procuram uma melhor condição para esses animais. Fornecendo alimentação, escovação, limpeza das cocheiras, medicação quando necessário, preparação para o trabalho diário e para as competições,

vivendo assim suas vidas entre os cavalos. Nesse ponto, a responsabilidade dessas pessoas é grande, tornando-se maior quando a forma e o conteúdo da relação não é mais adequada para o cavalo, ou seja, quanto mais o cavalo se torna dependente do homem, maior é a responsabilidade desse para aquele.

Questina-se nesse ponto:

- O que é o cavalo é para cada um?
- Como esse homem se relaciona com os cavalos?
- O que significa relacionamento com cavalos?
- Como esse homem tem os cavalos em sua vida?
- Qual é a melhor forma de se trabalhar com os cavalos?
- O que se passa na cabeça de um cavalo?

CAPÍTULO 5.3. A COLUNA DO CAVALO E OS MOVIMENTOS RELACIONADOS À AÇÃO DAS EMBOCADURAS

Quando falamos em cavalos, temos em mente atividades de lazer, hobby, trabalho, esporte etc. Cavalos são extremamente dóceis, aonde quase todos já tentaram o acariciar com a mão ou montou em um.

No entanto, existem características naturais dos cavalos que devemos saber e respeitar. Por diversas vezes enfrentamos situações que não sabemos como lidar, no tocante a procedimentos e ações. Exemplificando, quando um cavalo morde, o que a maioria das pessoas acham ou imaginam o que se deva fazer? Deve ficar parado para montar? Como pegar os membros? Como pegar quando solto a pasto? São questões, essas, do cotidiano, de proprietários e dos profissionais do cavalo.

Há várias possíveis respostas para tais questões, envolvendo violência, medo, punição, de “como”, do “porquê”; sendo que na realidade, devemos saber como o cavalo pensa, encontrando assim as respostas para tais dificuldades.

São diversas as questões do cotidiano como disparar, não deixar montar, não ficar parado, não embarcar que nos assolam diariamente. Se compreendermos a forma de como o cavalo pensa e por quais motivações ele age, significando assim, as respostas, devemos encontrar as atitudes adequadas para que os cavalos sejam compreendidos e, evidentemente, respondidos de maneira adequada. As respostas estão, por assim dizer, estão na natureza do cavalo.

CAPÍTULO 5.4. COMO SÃO OS CAVALOS NA NATUREZA?

Abordando brevemente, partindo-se da visão do Horsemanship, de como os cavalos vivem naturalmente, devemos voltar a época dos cavalos selvagens, observando que eles viviam soltos, sempre em bandos, sempre brincando uns com os outros, procurando a melhor comida, a melhor água, e sempre com um líder, que geralmente se representava na figura da égua mais velha do bando.

Com um garanhão ao lado, responsável pela reprodução, as manadas viviam crescendo e caminhando muito. Do surgimento da relação homem-cavalo, já abordada anteriormente, surgiu a necessidade da descoberta da utilização desse nobre animal como meio facilitador do serviço do homem, descobrindo-se também que esse animal poderia ser estabulado e lá manejado. Ponto esse que transformou radicalmente a vida dos cavalos. Tornou-se assim, mais fácil de os capturar em seu ambiente natural. Transformando sua apresentação com o cuidado maior no manejo, apresentando pêlos mais vistosos, entre outras características.

Assim, a natureza do cavalo, que em linhas gerais é viver em bando, em meio a vida natural e se relacionando uns com os outros passou a ser isolado, vivendo em cocheiras, presos, solitários e sem a convivência com outros animais.

Posterior, o homem descobre que é possível melhorar a alimentação, surgindo as rações, os suplementos, as vitaminas e tudo o que sabemos é que existem produtos para cavalos. Fator esse elevado com o aumento do emprego do cavalo no esporte, o que aumentou a carga despreendida na atividade física em um curto espaço de tempo.

As necessidades do homem, no desenvolver econômico e no desenvolvimento esportivo equestre, fez com que retirássemos os cavalos de seu habitat natural, isolando-os e os alimentando com rações altamente energéticas, com grande carga de suplementos, dispendendo todos os cuidados veterinários necessários, gerando todo um esquema especial para suas vidas. Mas isso não é ruim, é evolução, o que devemos ter é a consciência de sempre buscar o mais próximo possível de aproximarmos nosso manejo de hoje com o da vida natural dos cavalos.

CAPÍTULO 5.5. CARACTERÍSTICAS NATURAIS DOS CAVALOS

Seguem algumas definições do Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017:

Liberdade: “Cavalos são animais sociáveis que necessitam de liberdade. Necessitam de grandes espaços para correr, para tomar sol, para caminhar e se movimentar” .

Sociabilidade: “Cavalos precisam de cavalos. É natural que cavalos estejam com outros cavalos. Eles precisam um dos outros para que a sobrevivência da espécie seja garantida”.

Poder de decisão: “Em uma sociedade onde o ser humano não tem interferência direta, todo o poder de decisão cabe aos cavalos. O que comer, aonde dormir, aonde tomar água, qual a hora de fugir etc, decisões essas tomadas pelo líder do bando”.

“Xucros” / Indomados: “Não se pode falar de doma em cavalos, estando esses vivendo ao natural, ou seja, pois são indomados por natureza”.

Herbívoros: “Parece óbvio e claro, mas cavalos são herbívoros, necessitando por fisiologia de matéria autótrofa, assim, conclui-se que cavalos precisam sim de capim/verde de qualidade e não de ração. Não é a ração que faz do cavalo um animal bonito, saudável, mas sim o capim/verde que o deixa saudável”.

Predado: “Cabe lembrar, dos nossos bancos escolares, que para cada espécie ou indivíduo da natureza animal se tem um predado e um predador, assim, as cobras comem os ratos, havendo harmonia, equilíbrio entre presas e predadores. Assim, o leão, carnívoro, come o cavalo para sobreviver, logo o leão é o predador e o cavalo o predado”.

CAPÍTULO 5.6. COMO SÃO E COMO SE COMPORTAM OS PREDADOS?

Os predados e predadores possuem ambas características de predados. Assim, temos as características físicas e visíveis, além das características comportamentais/observáveis.

São características comportamentais dos predados, verificada nas definições do Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017:

a. Instinto de defesa: “O predado tem por instinto se defender, assim podemos pegar por exemplo um bando, que ao ser atacado por um predador terá em cada cavalo o instinto de defesa maior de tentar se manter vivo. Evidenciando seu objetivo de auto preservação”.

b. Instinto de fuga: “Sempre presente nos cavalos, pois ao menor sinal de risco é evidenciado um risco de vida, logo, acionado de imediato seu instinto de fuga”.

c. Claustrofobia: “Todo cavalo é claustrofóbico, tendo por definição da palavra medo de lugares apertados, como corredores, cocheiras, portas de caminhões, trailers e outros. Alguns apresentam mais em evidência tal característica, outros menos, mais é identificável em todos os animais. Assim, pensando em instinto de preservação, defesa e fuga, naturalmente claustrofobia é natural a esses animais”.

d. Curiosidade: “É interessante, pois mesmo com todas as características supracitadas os cavalos são curiosos por natureza. Comumente observamos cavalos analisando buracos, cercas elétricas e outros pontos que podem ser

nocivos a eles. Assim, a natureza mostrou-se sabia, pois, como poderia se dizer em equilíbrio na cadeia alimentar, se os cavalos fossem espécie extremamente aguçada para a fuga”.

e. Medo do inesperado/novo: “Todo o novo ou inesperado causa medo, que é transformado em fuga, sendo natural o medo do que se não conhece, pois esse pode trazer risco à sua vida”.

São características físicas dos predados, também definidas no Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017:

a. Dentes arredondados ou quadrados: “Os dentes dos predados foram feitos para triturar e não dilacerar”.

b. Cascos ao invés de garras: “Seus cascos servem para sua locomoção, não necessitando de garras, pois não são animais de ataque”.

c. Visão bilateral: “Os olhos são posicionados mais lateralmente, para ampliar a área de visão o máximo que conseguirem, assim como animais predados e associado a um simples giro de cabeça e/ou pescoço conseguem ver tudo à sua volta, diminuindo assim o tempo de reação para empreender uma fuga, evidenciado pelo seu instinto de defesa e preservação”.

São características comportamentais dos predadores, também definidas no Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017:

a. Instinto de ataque: “Em situação de risco e/ou *stress* esses animais tendem a atacar e não fugir”.

b. Natureza de caçador: “Esses animais necessitam comer a caça para sobreviver, sendo a natureza de caçador absolutamente natural nesses animais. Imagine seu cachorro quando vê um rato ou um gato, a tendência imediata é a de caça imediata e instintiva”.

São características físicas dos predadores, também definida no Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017:

a. Garras: “Para derrubar predadores, rasgar o couro e a carne”.

b. Dentes afiados: “Feitos para dilacerar a carne da presa abatida, devendo ser pontiagudos, afiados e fortes”.

c. Visão frontal: “Para que o predador obtenha melhor visão da presa em vista, facilitando o foco, dando precisão à caça”.

CAPÍTULO 5.7. O RELACIONAMENTO ENTRE O HOMEM E OS CAVALOS AO LONGO DO TEMPO

Baseado na explicações supracitadas, distinguimos predadores e predados, mas cabe perguntar em que posição o homem é visto pelo cavalo, conforme definição no Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017:

a. Deslocamento sem se cansar: “Descoberto como o primeiro sistema de locomoção do homem, sendo mais rápido, econômico, menos cansativo e com menor gasto energético (do homem)”.

b. Guerras: “Com grande evidência com os hunos e no império romano, a capacidade de invadir rapidamente área inimigas, destituir a infantaria com sua imponência, força e velocidade”.

c. Trabalho de campo: “Trabalho desenvolvido nas fazendas, com o auxílio do cavalo. Preparando a terra, movimentando as pessoas, verificação de gado, transporte de carga pesada etc”.

d. Esportes equestres, lazer, profissão: “Do trabalho surgiram os esportes, vindo do laço o ato das fazendas de laçar garrote e bois para curativos”.

e. Terapias: “O cavalo é um excelente meio terapêutico hoje para diversas enfermidades, problemas físicos, mentais ou motores. Com desenvolvimento exponencial na equoterapia”.

f. *Hobby*: “Ter um cavalo é o que muitos sonham ou desejam. É comum donos que não montam não terem o mesmo apreço daqueles proprietários que montam, que acompanham sua criação, que sentem prazer de os ver trabalhar, que sentem prazer em os ver competir e ganhar”.

Em pouco espaço de tempo duas espécies passaram a se relacionar, o homem e o cavalo, passando aquele a modificar a vida desse de forma radical e drástica, coexistindo até os dias atuais.

Para muitas pessoas não há necessidade de entendermos a natureza, comportamentos e atitudes dos cavalos, por serem menos importantes ou matéria supérflua, matéria essa que erroneamente acham que não se aplica.

Muitos desacreditam no conceito de Horsemanship, por falta de conhecimento ou falta de vontade de se aprenderem mais sobre os cavalos, o que leva, pelo desconhecimento, achar que os cavalos realizam ações e reações por maldade.

Desse ponto de vista, encontramos muitos que respondem de forma violenta a ação do animal, perdendo o trabalho e distanciando dos objetivos almejados. A resposta negativa a um estímulo ao cavalo, normalmente, é pela falta de entendimento ou desconhecimento por parte do solípede. Os resultados são mais rápidos quando se cobra o ensinado do que se cobrar o que ainda não foi ensinado.

Os cavalos, assim que ensinados, tendem a realizar com presteza e capricho, mas há a necessidade de termos certeza, antes da solicitação, de que este foi ensinado.

Sempre devemos partir do ponto de vista dos cavalos, pensando como um predado, como uma presa pensa e não como predadores naturais que somos.

CAPÍTULO 5.8. COEXISTÊNCIA PREDADO E PREDADOR

A convivência desses dois tipos de animais no mesmo espaço deve ser observada e analisada do ponto de vista das características que os definem, para entendermos porquê o cavalo no final se submete ao homem, predado e predador, respectivamente.

Se imaginarmos como um ser predado essa relação é totalmente ilógica, pois estamos falando em extinto de natureza, ponto esse não controlável, não negociável, independentemente de idade, época do ano, local ou situação.

Da necessidade do homem, surgiu tal convivência, passando a ser natural para estes, mas para os cavalos não podemos dizer o mesmo.

Assim como devemos nos comunicar com esses animais para que eles nos compreendam e entendam que não somos um risco para sua existência?

Devemos entender primeiramente como os cavalos se comunicam. Entendendo sua comunicação, poderemos entender os sinais atribuídos a cada comunicação e entrar em sintonia, tornando tal comunicação mais perceptível. Quanto mais convivemos com os cavalos, mais decodificaremos esses sinais, entrando em sintonia.

CAPÍTULO 5.9. COMUNICAÇÃO ENTRE CAVALOS

Também definido no Curso de Administração de Centros Equestres da Universidade dos Cavalos, de 2017, temos que:

Vida em manada: é como uma vida em sociedade, existindo uma organização para o dia a dia.

Líderes e subordinados: há uma hierarquia entre os indivíduos na manada, sendo eles o garanhão (responsável pela reprodução do bando e pela defesa física dos indivíduos), os potros jovens (são os cavalos que disputarão a vaga de garanhão e as fêmeas serão mães), os potros ao pé (que ficam perto das mães mamando e brincando), as éguas adultas (que são mães). Dentro deste grupo de éguas, existe uma, a chamada matriarca, que geralmente é a mais velha ou a que mais se impõe sobre os outros indivíduos. É ela quem define as principais atitudes e ações do bando, e é esta égua quem coloca a disciplina em toda a manada.

Linguagem corporal: existem sinais corporais e de expressão que fazem com que os cavalos se comuniquem entre si, como os sinais de orelha (seriedade, raiva e imposição das posições quando as orelhas para trás; atenção, apreensão e tensão quando as orelhas para frente; calma e relaxamento quando as orelhas estão para os lados); com os sinais de boca (calma, confiança e conforto quando há mastigação sem comida; tensão e raiva quando os dentes ficam a mostra); com

os sinais da cauda (medo e tensão quando a cauda está colada ao corpo; atenção absoluta e/ou felicidade quando a cauda está em bandeira ou empinada; tensão e defesa quando a cauda está rabejando); sinais de andaduras (relaxadas quando em conforto ou andaduras tensas quando com medo); sinais de olhos (medo com os olhos arregalados ou calmo e sossegado quando os olhos estão semi fechados); sinais de pescoço e cabeça (conforto e confiança quando o pescoço e a cabeça estão baixos).

O ato de relinchar: também é um meio de comunicação, mas comum entre éguas e potros.

CAPÍTULO 3.10. HORSEMANSHIP

Depois que os seres humanos começaram a estudar e compreendem os comportamentos dos cavalos, ações e reações, muitas pessoas conseguem se relacionar com esses animais de forma diferente, pensando do ponto de vista dos cavalos e chegando a se comportarem como eles.

Denominando-se tal fator e comportamento como o *horsemanship* (Cavalo – Homem-Relacionamento).

Assim, depreendemos um conceito que pode ser entendido como relacionamento entre o homem e o cavalo.

Definindo-o de forma geral como o relacionamento que se inicia (educa) ou se reeduca um cavalo sempre pensando do ponto devista dele (cavalo). Ou ainda, o *Horsemanship* se preocupa com o comportamento natural de um cavalo e a relação do ser humano com as atitudes vindas deste comportamento.

Percebendo que temos um conceito e não um método, técnica ou sistema, elucidado como a maneira de se viver com os cavalos baseados na honestidade, nas ações justas, no entendimento mútuo e principalmente no respeito e na não violência.

No *Horsemanship* devemos nos atentar para a construção de um relacionamento nos aspectos comportamentais e de relacionamento com o cavalo,

devendo nos lembrar que o cavalo deve primeiramente entender o que estamos tentando passar, do mais simples, para o mais complexo.

Mas essa aprendizagem é associada a confiança, ou seja, a aprendizagem do cavalo está ligada aos momentos em que este sente confiança no homem, que é sinônimo de conforto para o animal.

Em ambiente de confiança e confortável, podemos afirmar que aprendemos mais, assimilamos mais, rendemos mais e conseqüentemente produzimos mais.

Como os cavalos sentem por natureza medo, vivendo em defesa de suas vidas, o trabalho nunca pode ser pautado no medo, pois, nunca se alcançará os resultados esperados, mas sim, os resultados virão de forma rápida quando o mote do trabalho pauta-se na confiança.

O *Horsemanship* é a busca do trabalho pautado sobre a confiança, de forma que ao identificarmos os pontos de comunicação entre o cavalo e outros animais, passamos a pensar e agir partindo do ponto de vista dele. Superando assim, o medo natural que o colocaria em fuga, naturalmente.

Essa comunicação deve ser de forma clara, de tal forma que ele se convença que o mais seguro é estar com o homem e não longe dele.

Com isso, é importante dar tempo para que o cavalo crie cada vez mais confiança no homem, sendo evidente que a violência o colocará em um caminho antagônico.

CAPÍTULO 5.11. INTERPRETAÇÕES DO DIA A DIA

Aqui as atitudes são nossa pauta, e o cavalo terá as atitudes de um cavalo, cabendo ao homem as entender, raciocinando e revertendo a situação, transformando experiências negativas em formatos positivos. Entendendo como um cavalo pensa, entendemos como e o porquê um cavalo age dessa ou daquela maneira. Exemplifiquemos:

- a. Tomar chuva a favor do sentido da chuva;

- b. Tentar fugir ao menor sinal de risco;
- c. Se esconder atrás de outro cavalo;
- d. Não se isolar do bando quando em bando;
- e. Não deixar pegar no pasto;
- f. Proteger as patas (arames, cordas etc);
- g. Desferir coices.

Como ser predado que é, o cavalo vive em defesa de sua vida, e ao ser acionado, corresponderá com um dos seguintes instintos:

- a. Estirar;
- b. Sair correndo quando acuado;
- c. Não ficar em cantos;
- d. Passar no mesmo ponto que a pessoa está quando assustado.

Acionado o instinto de defesa, o instinto de fuga também será acionado, respondendo o animal com as seguintes ações:

- a. Não entrar em *trailers*;
- b. Não passar em locais estreitos;
- c. Não atravessar corredores;
- d. Não subir em desembarcadores.

Todo cavalo é claustrofóbico. Quando em situações que os possam oferecer riscos de vida o instinto de defesa é acionado, automaticamente a claustrofobia aparece com o instinto de fuga, ligando-se a ele, correspondendo com as seguintes situações:

- a. Situações com potros;
- b. Situações com cercas elétricas;
- c. Situações com predadores;
- d. Situações em locais perigosos.

Todo cavalo é curioso. Potros gostam de explorar buracos, cercas elétricas, cheirar outros animais e conhecer coisas novas. Sendo que ao menor sinal de perigo todos os instintos são acionados, sendo eles:

- a. O medo do novo, do inesperado;
- b. O medo de atravessar a água;
- c. O medo de entrar no escuro;
- d. O medo de se aceitar capas, mantas;
- e. O medo de ir com quem não conhece.

O cavalo tem medo de coisas novas ou inesperadas, assim o simples fato de um passarinho sair do mato, pode acionar todos os seus instintos.

Assim, não existe cavalo bravo, maldoso, ruim ou que ataca. Pois, as atitudes de um cavalo são desencadeadas a partir de comportamentos naturais instintivos e não pensados. O que ele é se deve ao que aprendeu a ser: bravo, maldoso, ruim, que ataca, que morde, atropelando, não deixar montar.

Mas, se aprendeu tudo isso deve-se a um erro de interpretação e são atitudes corrigíveis, isto por parte do ser humano.

Depreendemos, por fim, que um cavalo morde porque não foi ensinado a não morder, um cavalo “atropela” no cabresto porque nunca foi ensinado a caminhar no cabresto sem ser puxado e sem puxar, um cavalo não sobe em um transporte porque como ser predado é claustrofóbico e tem medo de locais que não conhece, um cavalo sai andando quando eu monto porque não foi ensinado que é para ficar parado.

O melhor jeito de se ter ou trabalhar com cavalos é respeitando cada cavalo como um indivíduo que tem pontos fortes, pontos fracos, sentimentos e emoções.

CONCLUSÃO

Fala-se frequentemente da existência de várias escolas de equitação: francesa, alemã, espanhola, sueca etc. É evidente a diferença morfológica entre raças espalhadas pelo mundo, fator esse determinante no desenvolvimento de métodos que a elas se adequassem.

Espanha e Portugal foram grandes nações que conquistaram boa parte do mundo graças à qualidade de seus cavalos. Os cavaleiros do norte da Europa, eram grandes e pesados, para suportar a armadura de ferro, sendo vencidos pelos ibéricos que eram mais ágeis. Estes tinham por característica serem mais ligeiros e de maior mobilidade, com facilidade de ataque pelos flancos, com voltas rápidas para qualquer direção.

A Academia Equestre de Nápoles, foi fundada em plena Renascença, para a difusão das técnicas dos jinetes ibéricos. A partir desse ponto, a equitação passou a ser ensinada com algum método. Ensinava-se também esgrima e dança, artes acadêmicas, além da matemática.

Pode-se acrescentar que a equitação nasceu como ciência moderna em Nápoles, irradiando-se para o restante da Itália e da Europa, ainda que o primeiro tratado da literatura européia tenha sido escrito pelo rei Português D. Duarte em 1434.

Destacaram-se como mestre da Escola de Nápoles: Grione e Fianelli, formando La Broune, Saint-Antoine, La Noue e Pluvinel. Que difundiram a seus países a nova ciência equestre. Daí fundaram-se as Academias na França de Tours, Bordeaux e Lyon.

Antoine de Pluvinel foi o primeiro francês a ter o título de *Écuyer*, tornando-se mestre do Rei Luís XIII, escrevendo as *Instrucion du Roy* (1625), introduzindo na França o tratado de Alta Escola Napolitana. Explicava os meios de como vencer os cavalos, continuou a simplificação das embocaduras que seu mestre Pignatelli iniciara e tratava por assim dizer: “se os freios tivessem em si o poder miraculoso de tornar a boca do cavalo doce e obediente, qualquer cavaleiro ou cavalo tornar-se-ia bom a saída da oficina do ferreiro”.

Os cavalos preferidos dos mestres eram sempre os ibéricos, como traz a gravura de Monsieur de Nestier, o *Écuyer Cavalcadour* montando El Florido, cavalo que detinha na coxa direita a marca latente de Reino da Espanha “E.R.”.

A obra de Pluvinel, foi sendo editada, passando pouco a pouco a seguir as leis ditadas pela França, sendo o tratado mais em voga até o surgimento da *L'École de Cavalerie*, escrito por Monsieur François Robichon de La Guerinière (1733), ainda hoje considerado uma bíblia equestre no mundo. Trazendo a voga a execução do “espádua a dentro” e a “baixada de mão”, logo após o cavalo fletir as ancas.

Com Luís XIV, fundou-se a Escola de Equitação de Versalhes, atingindo o apogeu do antigo sistema, aonde os meios de domínio se tornam menos violentos e a posição do cavaleiro é mais sentada. Tendo por últimos nomes os mestres La Bigne e d'Abzac (*Écuyer* da Escola de Versalhes), escola essa que fechou em 1825.

Conde d'Abzac foi modelo vivo de cavaleiro da Escola de Versalhes, sendo que sua posição e delicadeza nas ajudas o fizeram um equitador renomado. Lecionando em Hamburgo, aonde esteve durante a Revolução Francesa, levando seu conhecimento aos alemães próximos e assim o disseminando.

O Coronel d'Auvergne, cavaleiro do século XVIII, formou-se na Escola Militar de Paris, tendo célebres alunos como Boisdeffe, Bohan e Chabannes, esses que publicaram os princípios e processos de seu mestre. Contra toda a lógica, essa notável equitação militar não prevaleceu na Escola de Equitação de Saumur. Assim, Chabannes assume como *Écuyer-en-chef* Cordier (1825 a 1833), defensor dos princípios da Escola de Versalhes, da qual só havia recebido ensinamentos indiretos através dos antigos picadores da Academia Real.

Em 1834, o Marechal Soult, Ministro de Guerra, decidiu que o cargo de *Écuyer-en-chef* deveria ser de um militar, sendo ocupado por Renaux, seguido por Champet, ambos com pouca experiência para serem expressivos.

Trinta e quatro anos após assumiram Novital (1841 - 1846), seguido de Conde d'Aure (1847 - 1855).

Assim Saumur se reformou, com o Conde d'Aure, que era profundo e assíduo discípulo de D'Abzac, mas flertava com a moda da equitação que despontava, a

equitação de exterior. Cultivando muito gosto pelo cavalo de raça inglesa de caça, de corridas e de *Steeple*, executando seus trabalhos de Alta Escola de um inigualável poder de improvisação, essa que à sua sólida posição e elegantíssima figura permitia e evidenciava, do que da sua prática constante.

No lugar de continuar as tradições da Academia de Versalhes (Conde D'Abzac), Conde d'Aure deixou-se fascinar pelo *assiete*, pondo-se a prova ao montar potros nas feiras da Normandia e os puro sangue de corrida de Lord Seymond, este que ditava a moda de Paris à época. Assim, a Alta Escola se marginalizou.

D'Aure teve muitas ocasiões felizes, no entanto, quando Baucher o visitou em seu picadeiro para ver uma égua que estava a venda, D'Aure forçou-a a mudar de mão sem estar preparada, tendo uma objeção clara, permanecendo a égua estancada logo após sair do picadeiro, mesmo com os ataques tremendos de D'Aure. Assim Baucher concluiu: "isto é um massacre".

Durante uma visita do General Brack a Saumur, D'Aure foi convidado a montar o cavalo Sans Pariel do comandante Rousslet, chicoteando-o logo que o montou, a fim de se mostrar de forma intrépida e exibicionista que o era. Triste era ver a audácia de um homem com tamanho tato equestre, tato este que encantou o público no dia seguinte, quando montando o mesmo cavalo conseguiu maravilhar toda a assistência sem seu exibicionismo.

Quando D'Aure saiu de Saumur em 1855 e assumiu o Picadeiro Imperial, Guerin, que há 14 anos estava do *Cadre Noir*, assume como *Ecuyer-en-chef*, publicando *École du Cavalier au Manège, Dressage du Cheval de Guerre* (livro de equitação militar, mas de inspiração baucherista).

L'Hotte o sucedeu como *Ecuyer-en-chef*, utilizando todos os processos de Baucher, redigindo a *Instrucion à Cheval du Reglement de 1876 pour la Cavalerie*.

Apesar dos ensinamentos, de Dutilh, *Ecuyer-en-chef* de 1875 e 1876, fez prevalecer o daurismo na Escola de Cavalaria, com a proscricção do baucherismo.

Decanpentry concluiu que: "O conde D'Aure é o fundador da equitação militar praticada na França desde há um século [...]. Para alguns, o conde d'Aure foi o elo de ligação que unia a Escola de Saumur à de Versalhes".

Baucher, pautados nos ensinamentos da Escola de Versalhes, descrevia que a equitação deveria ser pautada na leveza, condição essa indispensável para rendimentos bons para cavalos de temperamento quente e fino como o Puro Sangue Inglês e o Anglo-árabe.

Mas, há de se notar, que como países vizinhos de fronteira seca, os próprios alemães, introduziram, posteriormente esse sangue quente dos Puro Sangue Ingleses em seus criatórios, com produtos mais fortes e mais estáveis, logo, mas pendentes ao adestramento. Sendo regidos por sua forte disciplina e seu rigor na metodologia.

Lendo atentamente a Gustav Steinbrecht (Alemão), contemporâneo de Baucher (Françês), temos que ambos buscam o mesmo objetivo, com métodos distintos. Evidenciando que suas distinções não eram de cunho metodológico ou finalista, mais sim nacionalista.

Do capítulo três podemos observar que: Baucher produziu uma equitação mais voltada para os espetáculos, enquanto D'Aure voltava à sua para o exterior, fator esse progresso do sucesso francês no Concurso Completo de Equitação. Sendo D'Aure consoante com a equitação seguida na Inglaterra e Prússia.

D'Aure insere a sela inglesa, lomos curtos e trote elevado. Para uma equitação voltada para o esporte.

Baucher se aproximou do Adestramento Clássico, tendo suas obras traduzidas; enquanto, na Alemanha Gustav Steinbrecht publicava um obra mais técnica e detalhada, mas que ficou sem tradução por diversos anos.

Assim, pelo nacionalismo típico, pragmático e sistemático do povo germânico, tipicamente encontrado até hoje na própria Escola de Equitação de Viena, aonde os conhecimentos são retransmitidos apenas oralmente, a equitação e os métodos alemães foram infinitamente menos difundidos que os métodos franceses, logo a predominância dos métodos franceses no mundo.

Em pesquisa aos Manuais de Equitação da França, bem como aos da FEI (Federação Equestre Internacional), vemos elencados as lições de rédeas, fator esse não encontrado em nenhuma das traduções do Manual de Steinbrecht ou outro alemão, nem tampouco encontrado quando da tradução dos Manuais Alemães de Equitação.

Gustav Steinbrecht consegue, com sua publicação de Academia do Cavalo, obra essa de extrema precisão técnica e detalhamento, desconstruir a visão mecânica de equitação e insere a idéia par aonde se caminha a evolução da equitação, uma equitação com relação mais neurológica do homem e do cavalo, que buscam ser desvendadas após o século 20, com os avanços da fisiologia e da neurologia.

Insera a definição de propriocepção, como segue:

“é a primeira obrigação do cavaleiro manter as partes, com as quais ele sente o cavalo, macias e flexíveis. Se o seu assento cumpre essa função, ele logo sentirá o movimento das patas dos cavalos, e será capaz de distinguir cada um deles; ele então terá os meios à sua disposição para controlá-las como se fossem as suas”

O Capitão italiano Federico Caprilli (1868 – 1907), instrutor da Escola de Cavalaria de Pinerolo, em Turim, reconheceu que, na nova realidade de crescente poder das armas de fogo, mudando completamente o uso estratégico da cavalaria, as técnicas de treinamento clássico estavam ultrapassadas, e o novo papel seria o reconhecimento topográfico, necessitando de grande velocidade, em grandes distâncias e superando os diversos obstáculos, assim fez com que seus homens se ajustassem ao centro de gravidade e aos movimentos do cavalo (princípio da fusão neurofisiológica), assim temos evidenciado princípios de D'Aure e Steinbrecht, sendo ampliados e ampliados por Caprilli.

Caprilli dita:

[...] o cavalo que foi treinado para saltar com um cavaleiro no dorso, no princípio com obstáculos baixos, será perfeitamente capaz de julgar a distância e decidir se deverá diminuir ou aumentar seus galões e regular o momento da saída do chão para o salto. A equitação deve ser executada sem instruções ao cavalo, sem ajudas ou outras teorias de distribuição de peso, e sim com o cavaleiro se antecipando e se ajustando aos movimentos do cavalo.

Descartava a reunião (método de D'Aure), porque segundo ele inibia a impulsão do cavalo para frente, sendo que a mão deve seguir a rédea e a rédea o movimento do cavalo. Devendo o cavaleiro intervir o mínimo possível no equilíbrio natural do cavalo e se ajustar a maneira do animal se movimentar (método de Steinbrecht e Baucher).

Não cavalgava com rédeas soltas, montava de bridão, com contato suave sem exigir flexionamento de coluna e da cabeça do animal.

Ensinava a galopar em planos inclinados para frente, e nos saltos se elevando nos estribos para frente, paralelo ao pescoço do cavalo, estando ambos em um mesmo movimento.

Para facilitar esse deslocamento encurtou os estribos à maneira oriental.

Seu método ganhou a denominação de “assento avançado”.

Nunca escreveu nenhum livro, acabou com a visão mecanicista da equitação, teve uma nova concepção do cavalo e elevando a indivíduo, percebeu o valor neurofisiológico da relação (explicado dois séculos depois pela ciência).

Destacou-se as palavras de Bjark Rink que nos trás no livro Desvendando o Enigma do Centauro:

A equitação moderna gravita em torno da necessidade de se fundir a neurofisiologia do cavalo com o cavaleiro. De transformar o equitador em uma parte fluente da ação equestre, em perfeito sincronismo sensitivo motor com o cavalo. O cavaleiro precisa deixar de ser um ‘corpo estranho’ que acaba frequentemente ‘rejeitado’ pelo cavalo. A fusão neurofisiológica do conjunto equestre se efetua por meio do treinamento sistemático cavalo e cavaleiro, quando a atuação esportiva é organizada em reflexos condicionados interativos. Esta coordenação sensorial é, no entanto, mais fácil de descrever do que de realizar e, para concretizá-la, a neurociência, a biomecânica e a fisiologia do exercício começam, a cada dia, a fornecer mais dados e informações.

Conclui-se assim, que não há distinção entre doutrinas, mas formas distintas de se trabalhar, ou seja métodos, assim como na própria França com Baucher e Conde D’Aure, entre tantos outros demonstrados no capítulo dois.

Por fim, a necessidade e a aproximação da sociedade com técnicas mais simbióticas como Caprilli iniciou com seu método, são hoje latentes no que vemos como o *Horsemanship*, demonstrado no capítulo cinco, e a Equoterapia. Logo, o que se busca é uma forma racional de se ter algo, de se ter um objetivo de doma, de adestramento, de alto desempenho, em que a força não seja mola propulsora, nem tampouco o exibicionismo de D’Aure volte a ser o mote principal da atuação.

Em pesquisa realizada no capítulo quatro, observou-se que dos dezessete avaliados e doze escolas de equitação envolvidas, com seus distintos métodos, apenas pouquíssimos entrevistados tem uma visão esclarecida da diferenciação de doutrina, que significa um conjunto das idéias básicas contidas num sistema filosófico, político, religioso, econômico etc; e, de método que significa

procedimento, técnica ou meio de fazer alguma coisa, específica de acordo com um plano.

Então como nas palavras da Cap PMERJ Vet Cássia Cestari Delboni, que corroboram com a diferenciação, sendo tal minha orientadora e de acordo com minha posição neste tratado:

A equitação busca a melhor compreensão e o desenvolvimento da arte entre o cavalo e o cavaleiro, onde ambos, classificados como binômio ou conjunto, alcancem a beleza, energia e equilíbrio do movimento para o desenvolvimento de exercícios e apresentações. As bases equestres, de modo resumido, propõem caminhos para se chegar em um mesmo objetivo. Na escola chilena, com base alemã, os cavaleiros estão muito atentos nas ajudas impulsoras, descrevendo e vigilando fortemente a aplicação do peso do corpo e pernas antes de iniciar ou preparar qualquer movimento, já que a impulsão é a base para qualquer movimento. Já a base francesa também se preocupa com esses pontos, porém foca bastante na canalização do movimento, detalhando os efeitos de rédea, posição e intencidade que devem ser aplicadas. Detalhes nos movimentos e ensinamentos descritos de diversas formas, necessitando de tempo para detalhar, ainda mais que dentre uma base existem pensamentos e metodologias.

REFERÊNCIAS

VICENTE, Nuno Coelho. **Apontamentos Equestres**. 1. ed. São Paulo: Ophium Bodes, 2003.

MORGADO, Felix B. **Adestramento do cavalo**. São Paulo: Nobel, 1990.

STEINBRECHT, Gustav. **Gymnasium of the Horse: Completely Footnoted Collector's Edition**. Edição do Kindle: Xenophon Press LLC, 2014.

RINK, Bjarke. **Desvendando o enigma do Centauro**: como a união homem cavalo acelerou a história e transformou o mundo. 1. ed. São Paulo: Equus, 2018.

CASTRO, Cap PMESP Alberto Nubie. **Manual de Tropa Montada**. 1995. Dissertação (Mestrado em Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) – Centro de Aperfeiçoamento de Estudos Superiores, Polícia Militar do Estado de São Paulo, São Paulo, 1995.

JUNIOR, Wilson Ricciluca. **Montando Fácil**: Volume 1 – flexões. 1.º Ed. São Paulo. Ophicina Books, 2004.

BALLOU, Jec Aristotle. **101 dressage exercises for horse and rider**. 1 ed. Estados Unidos: Storey Publishing, 2005.

BALLOU, Jec Aristotle. **101 ejercicios de doma clásica**: para el caballo y el jinete. 2 ed. Espanha: Tutor, 2008.

ALLEN, Linda. **101 jumping exercises**: for horse e rider. 1 ed. Estados Unidos: Story Publishing, 2002.

CHILE. Aprobado por O/Cdo. CJE.EMGE.DOE.II.c (P) N.º 6415/57, de 19 de julho de 2004. **Reglamento de Instrucción**: Equitación. Ejercito de Chile, 2004.

BARBIER, Dominique e DANIELS, Mary. **Adestramento para a Nova Era**. 1. ed. São Paulo, Ophicina Books, 2007.

Federação Equestre Alemã. Diretrizes para a equitação e atrelagem: formação básica de cavalos e cavaleiros – Volume 1 / tradução Cláudia Sophia Leschonski. Salto de Pirapora, SP: Universidade do Cavalo, 2013.

BALLOU, Jec A. **Balance vs Motion in Dressage**. Disponível em: <<http://exploringdressagebiomechanics.blogspot.com/2016/01/german-classical-equitation-vs-french.html>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

KYSILKO, Janna. **Contact French vs German Theory**. Disponível em: <https://web.facebook.com/JannaKysilkoDressage/posts/contact-french-vs-german-theorywe-can-loosely-refer-to-the-two-dominant-strands-170037369821425/?_rdc=1&_rdr>. Acesso em: 02 mai. 2019.

Exploring Dressage Biomechanics: German Classical Equitacion VS French Classical Equitacion. Disponível em: < <https://eclectic-horseman.com/balance-vs-motion-in-dressage/>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

Fédération française d'équitation. **Etre cavalier: galop 1 a 4, Manuel officiel de preparation aux brevets federaux.** Panazol: Lavauzelle, 1995.

Fédération française d'équitation. **Etre cavalier: galops 5, 6, 7, CCE – CSO – Dressage, Manuel officiel de preparation aux brevets federaux.** Panazol: Lavauzelle, 1995.

Jacquey Laurence P.S.V. Jean Morel Laurieux Alain Bruneau Virginie Fédération française d'équitation. **Etre cavalier: galop 8 et 9, CCE – CSO – Dressage, Manuel officiel de preparation aux brevets federaux.** Charles: Lavauzelle, 2001.

Foto 1. Disponível em: < **CAPÍTULO 1.** HTTPS://WWW.GOOGLE.COM/IMGRES?IMGURL=HTTPS%3A%2F%2FWWW.NR.DE%2FSPORT%2FMEHR_SPORT%2FSCHOCKEMOEHLE100_V-CONTENTGROSS.JPG&IMGREFURL=HTTPS%3A%2F%2FWWW.NDR.DE%2FSPORT%2FLEGENDEN%2FPAUL-SCHOCKEMOEHLE-UNRUHESTAND-IM-RENTENALTER%2CSCHOCKEMOEHLE106.HTML&DOCID=WLFIKN0ZONP-7M&TBNID=NT9EUICA3HKJ_M%3A&VET=10AHUKEWIVM6QVW7JKAHXBKRKGHWKCDUEQMWIJASHLMES..I&W=568&H=320&BIH=657&BIW=1366&Q=SCHOCKEM%3%B6HLE&VED=0AHUKEWIVM6QVW7JKAHXBKRKGHWKCDUEQMWIJASHLMES&IACT=MRC&UACT=8>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Foto 2. Disponível em: < https://www.google.com/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.ansichtskarten-center.de%2Fwebshop%2Fshop%2FProdukteBilder%2F10698%2FAK_10371625_gr_1.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.ansichtskarten-center.de%2Fsport-spiel%2Fspringreiten-hindernisreiten-military%2Fkeine-ak-hindernisreiten-alwin-schockemoehle&docid=vzZNnU1Dye93BM&tbnid=GnlsnzifyonF-M%3A&vet=12ahUKEwie3b2lx7jkAhVtG7kGHQIBDiE4yAEQMygnMCd6BAgBEC4..i&w=454&h=640&bih=657&biw=1366&q=Alwin%20Schockem%3%B6hle&ved=2ahUKEwie3b2lx7jkAhVtG7kGHQIBDiE4yAEQMygnMCd6BAgBEC4&iact=mrc&uact=8#h=640&imgdii=OOrKOOSpmXiOAM:&vet=12ahUKEwie3b2lx7jkAhVtG7kGHQIBDiE4yAEQMygnMCd6BAgBEC4..i&w=454>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Foto 3. Disponível em: < <https://cabalarium.com/las-claras-palabras-de-pierodinzeo/>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Foto 4. Disponível em: < http://www.esmtoday.org/articles_PierreJonqueresdOriola_032014.html>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Foto 5. Disponível em: < <https://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-26/familia-hipismo-rio-2016.html>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Foto 6. Disponível em: < <http://www.horsemagazine.com/thm/2015/04/franke-sloothaak-showjumper/>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Foto 7. Disponível em: < [https://alchetron.com/Nelson-Pessoa#->](https://alchetron.com/Nelson-Pessoa#-). Acesso em: 23 mai. 2019.

Treinamento do cavalo de carruagem. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20121102233704/http://imh.org/history-of-the-horse/legacy-of-the-horse/harnessing-the-horse/kikkuli-1345>. >. Acesso em: 29 set. 2019.

Federico Grisone. Disponível em: < <http://www.horsemagazine.com/thm/2015/03/federico-grisone-was-he-really-such-a-baddie/> >. Acesso em: 29 set. 2019.

Giovani Battista Pignatelli. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Giovanni_Battista_Pignatelli>. Acesso em: 29 set. 2019.

Royal Equerries pluvinel de La gueriniere. Disponível em: < <https://www.horsetalk.co.nz/2017/02/25/royal-equerries-pluvinel-de-la-gueriniere/>>. Acesso em: 02 out. 2019.

Anexo 2: François Baucher. Disponível em: < <https://www.horsemagazine.com/thm/whos-who/baucher-francois/>> Acesso em: 02 out. 2019.

Federico Caprilli. Disponível em: < <http://www.equestriancoach.com/content/federico-caprilli>> Acesso em: 02 out. 2019.

Paul Schockemohle. Disponível em: <<https://schockemoehle.com/ger/paul-schockemoehle/das-portrait/das-portrait.html>>, Acesso em: 28 out 2019.

Pierre Jonquères d’Oriola. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Jonqu%C3%A8res_d%27Oriola>. Acesso em 28 de out de 2019.

John Whitaker. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/John_Whitaker_\(equestrian\)](https://en.wikipedia.org/wiki/John_Whitaker_(equestrian))>. Acesso em 28 de out de 2019.

Michael Whitaker. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Whitaker>. Acesso em 28 de out de 2019.

Frank Sloothak. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Franke_Sloothak>. Acesso em 28 de out de 2019.

Nelson Pessoa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Pessoa>. Acesso em 28 de out de 2019.

Mark Todd. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mark_Todd>. Acesso em 28 de out de 2019.

ANEXO 1 – TREINAMENTO O CAVALO DE CARRUAGEM POR KIKKULI

Aproximadamente 1345 AEC, Kikkuli, mestre de cavalos do rei hitita Suppililiuma, desenvolveu o primeiro plano registrado para treinar e cuidar de cavalos. Muitos dos métodos de treinamento de Kikkuli ainda são considerados sólidos e, na época, permitiram que os hititas se tornassem uma poderosa potência rivalizando com o Egito.

Suppililiuma ansiava pela supremacia hitita, levando à aquisição de um grande número de cavalos e aos serviços de Kikkuli, um dos principais mestres de cavalos mitanianos. O programa de treinamento de Kikkuli produziu excelentes cavalos para os hititas. Seus métodos foram preservados em quatro tabletes cuneiformes de argila, conhecidos como The Kikkuli Text.

Kikkuli usou treinamento de “intervalo” e enfatizou a liderança de cavalos (de carros) a trote, galope e galope, antes de sujeitá-los ao estresse de um cavaleiro ou motorista. O texto detalhava um regime de treinamento de sete meses. Os dias de descanso eram agendados, mas os exercícios às vezes eram de três por dia. O treinamento intervalado de Kikkuli continha três estágios - os dois primeiros para o desenvolvimento de pernas fortes e um forte sistema cardio-muscular, e o terceiro para o aumento do condicionamento neuromuscular. Seus exercícios incluíram recuperações breves para diminuir a frequência cardíaca. A natação também foi incluída em intervalos de três a cinco sessões, com períodos de descanso após cada sessão.

Cuidados e alimentação do cavalo de carruagem

Receita de Kikkuli para força eqüina

Dia 2. Ande em uma liga, corra dois furlongs (furlong = 1/8 milha). Alimente dois punhados de grama, um de trevo e quatro punhados de cevada. Pastar a noite toda.

Dia 3. Ande duas léguas e meia (liga hitita = três milhas), corra por dois segundos. Corra três furlongs, passe meia casa da liga. Grama verde ao meio-dia, seguida de rega. Pace uma liga na noite. Alimente grama e palha à noite.

Dia 4. Ande duas léguas pela manhã, uma à noite. Sem água o dia todo. Grama à noite.

Dia 5. Ande em duas léguas, corra vinte e trinta segundos para casa. Coloque tapetes. Após suar, dê um balde de água salgada e um balde de água de malte. Leve para o rio e lave para baixo. Nade cavalos. Leve ao estábulo e dê mais balde de água maltada e balde de água e sal. Lave e nade novamente. Alimente à noite um alqueire cozido com palha.

Dia 6. Lavar cinco vezes pela manhã, pastar à tarde e lavar uma vez. Repita por quatro dias.

Dia 12. Mantenha-se estável o dia todo. Alimente apenas grãos e grama cortada. Repita por 10 dias.

Dia 23. Lave em água morna. Alimente a grama. Repita por sete dias.

Dia 31. O mesmo por três dias ...

Dia 34. Piquetes fora do estábulo o dia inteiro sem ração ou água. Corrida três furlongs à noite, pastar a noite toda. Repita três dias.

Dia 38. Nade de manhã e depois ande duas léguas. Nenhum dia de alimentação ou água. Tarde, passe nove passos. Alimentação noturna grama e palha. Repita nove dias.

Cavalo totalmente condicionado

Dia 48. Levante-se o dia todo. Um punhado de grama no meio do dia. Tarde, passe meia liga. Água e grama à noite.

Dia 49. Ande metade da liga. Nadar.

Dia 50. Ande três léguas, corra duas vezes. Grama à noite.

Dia 60. Ande nove passos, corra (?). Grama à noite. Repita nove vezes

Dia 61. Passar dezessete anos, manhã. Passar dezessete vezes, correr duas vezes, à noite.

Dia 62. Passar dezessete anos, corra dois anos. Lave, nade três vezes. Alimente a cevada cozida com palha. Grama à noite.

Dia 63. Ande em quatro léguas, corra duas vezes. Repita nove dias. Banhe-se em água quente na quinta noite.

Dia 73. Dois punhados de cevada depois do trabalho da manhã, com palha. Ande meia liga, corra duas vezes, à noite.

Dia 74. Ande meia liga, de manhã. Passar dezessete vezes, à noite, correr três vezes.

Dia 75. Passar dezessete anos, correr três anos. Lave, nade cinco vezes, alimente a grama após cada outra natação. Grão fervida com palha à noite.

Tradução inglesa de Anthony Dent da tradução francesa do original por B.
Hrozy

ANEXO 2 – FRANCOIS BAUCHER

Tradução: 1.º Ten PMESP Anita Braga Salvione

QUEM É QUEM

BAUCHER, FRANCOIS

NASCIMENTO: 1796

MORTE: 1873

François Baucher nasceu em Versalhes, perto de Paris, em 16 de junho de 1796.

Aos 14 anos, François Baucher foi trazido para a Itália por um tio que administrava os estábulos de Milão de Camille Borghese, príncipe de Sulmone e marido de Pauline Bonaparte, irmã de Napoleão. Quatro anos depois, após a queda de Napoleão, Baucher retornou à França. Trabalhou por um curto período nos estábulos do Duque de Berry, em Versalhes, depois decidiu trabalhar por si mesmo e, em 1820, estabeleceu-se na Normandia, administrando primeiro, estabelecimentos de equitação, em Le Havre e Rouen.

Baucher era um excelente cavaleiro, treinador e professor de equitação, mas lamentava a maneira como a equitação era ensinada na época. Ele achava que o ensino tradicional não era claro, era vago e fútil, e começou a criar seu próprio sistema científico.

Em seu livro, François Baucher, o homem e seu método, Hilda Nelson escreve: "O objetivo do método de Baucher é a disposição total da força do cavalo e a submissão total do cavalo à vontade do cavaleiro".

Baucher descobriu que a origem da resistência do cavalo estava na divisão incorreta de sua massa no terreno, adicionada ao fraco domínio, pelo cavaleiro, de suas forças, que ele chamou de "instintivo". A rigidez, a contração do *forehand* - pescoço, nuca e mandíbula - estavam de acordo com Baucher que é o que um cavalo usa para se opor às tentativas de seu cavaleiro de estabelecer uma melhor divisão de sua massa e / ou de conter suas forças "instintivas".

Os ensinamentos de Baucher são brilhantemente explicados em *Racinet*, como explica Baucher por Jean-Claude Racinet (Xenophon Press 1997):

Essas contrações aumentam à medida que o movimento cria mais impulso. Portanto, a educação adequada de um cavalo deve começar de uma parada e do solo por um conjunto de flexões dos maxilares, nuca e pescoço, adicionadas a alguns exercícios suplementares dos ombros, quadris e quartos traseiros. Então, as mesmas flexões devem ser feitas a cavalo, e paradas.

Tendo trabalhado assim um cavalo 'parte por parte', Baucher realizaria a 'reunião' do cavalo por meio de um exercício que ele chamou de *effet d'ensemble*, que às vezes é traduzido, mal na minha opinião, por 'efeito coordenado'. *Fillis em Breaking and Riding* chama-se de "efeito geral", o que é bastante bom. 'Efeito abrangente' ainda teria sido preferível, já que o *effet d'ensemble* é um efeito sobre todo o cavalo, em oposição às flexões parciais que o precederam e o prepararam.

O *effet d'ensemble* consiste em aplicar simultaneamente uma ação progressiva das pernas e uma resistência correspondente da mão, a fim de fazer o cavalo encurtar sua base de apoio e, assim, se recompor. O *effet d'ensemble* é praticado primeiro em uma parada, depois em movimento, mas em passos lentos. O cavalo que está sendo absolutamente leve em sua extremidade frontal através das flexões diretas da mandíbula (a cabeça é vertical, o cavalo mastiga sua parte e as rédeas são praticamente presas) e progressivamente acostumado a trabalhar em uma base mais curta de apoio *effet d'ensemble*, fica então sob o domínio absoluto de seu cavaleiro. Ele está pronto para o que o cavaleiro quiser, para encomendá-lo.

Baucher alegou que, embora seu método parecesse lento, na verdade era mais rápido que os métodos tradicionais e afirmou que em dois meses e meio, ele poderia treinar qualquer cavalo, com qualquer conformação, para executar piaffe, passagem e uma mudança de pé, um movimento que Baucher havia inventado.

Em 1833, Baucher publicou seu primeiro livro, *Dictionnaire raisonne d'equitation (A Rational Dictionary of Horsemanship)*.

Mais uma vez, Racinet traz :

Todo o seu método - que passaria por muitas transformações ao longo de sua vida - já estava nele. Foi, após as palavras do general Decarpentry (uma das principais autoridades em matéria de equitação francesa), "um manifesto revolucionário". Isso, no entanto, pouco fez para tornar Baucher e seu método conhecidos pelo público equestre em geral, desde que ele exercia sua profissão. na província, longe de Paris (pelos padrões da época).

Então, em 1834, Baucher partiu para Paris, onde esperava que seu talento encontrasse mais exposição. E isso não deixou de acontecer. Em 1837, ele foi contratado com seus cavalos (Partidário, Buridan, Netuno e Capitão) por Laurent Franconi, dono e gerente do *Cirque des Champs Elysees*.

Baucher se tornou um sucesso instantâneo com o público em geral, mas a fonte de controvérsia existia nos círculos de elite da equitação. Sua performance era

surpreendentemente nova e incluía mudanças de galope a cada passo, piruetas de galope em três pernas, piruetas em uma piaffe cuja cadência o cavaleiro moladava à sua vontade, passagem para trás e galope para trás! A França - ou pelo menos Paris - foi dividida em dois campos de guerra, apoiadores e detratores.

Em 1842, o trabalho mais importante de Baucher foi publicado: *Método de Equitação Basee sur de Nouveaux Principes* (Método de Equitação Baseado em Novos Princípios). O livro teve um sucesso imediato, com sete reimpressões somente nos quatro anos seguintes. O livro serviu apenas para indignar ainda mais os tradicionalistas.

Em 1842, também foi o ano em que Baucher demonstrou suas habilidades de treinamento com Gericault, um garanhão puro-sangue de três anos que resistiu a todos que tentavam montá-lo. Seu dono, Lorde Seymour, prometeu que daria o cavalo a quem pudesse cavalgá-lo pelo Bois de Boulogne. Vicomte de Tournon, um anti-baucherista, tentou e falhou. O conde de Lancosme-Bresves, recém-convertido a Baucher, conseguiu, de certa forma, cercar-se de um grupo de amigos montados, andando tão perto que Gericault não teve muita chance de lutar.

Ainda assim, ele ganhou a aposta e o Lorde Seymour deu-lhe o cavalo, que o deu a Baucher. Baucher declarou imediatamente que mostraria Gericault ao circo em um mês. 27 dias depois, diante de uma multidão brilhante que incluía a alta sociedade e a nobreza, à luz dos lustres de gás, em meio ao alvoroço da multidão e à agitação da banda, um Gericault calmo e disciplinado realizou um programa que incluía trabalho lateral, galope piruetas, mudanças de mão no ar e uma rédea magnífica, lenta e majestosa pela qual ele saiu do ringue.

Mas houve outro triunfo em 1842, foi pedido a Baucher que explicasse seus métodos ao Exército. O Major de Novital, chefe do *Cadre Noir* e o Major Rousselet, o principal cavaleiro, foram convocados para Paris para conhecer Baucher e avaliar seu trabalho.

Racinet conta a história:

A Novital ficou entusiasmada e imediatamente se converteu. Rousselet, embora muito agradecido, era mais reservado. Baucher dera a ele um de seus cavalos, Capitaine, para montar, e ele se sentiu desorientado. Ele era um homem muito mole, então ele simplesmente declarou, ao desmontar, "*Il est trop fin pour moi*" (este cavalo é muito afiado para mim).

Então, cerca de quarenta cavalos da guarnição de Paris foram treinados por seus cavaleiros habituais sob a direção de Baucher. Em 3 de abril, após 26 lições, na proporção de duas lições curtas por

dia, esses cavalos estavam realizando evoluções rigorosas em galope, individualmente ou em grupo, mantendo-se perfeitamente em condições.

Observou o general Decarpentry em Baucher *et son Ecole* (p. 89): 'Talvez esse resultado não tenha sido inédito no melhor treinamento realizado da maneira antiga, mas levaria pelo menos um ano.'

Outras experiências ocorreram, novamente com resultados encorajadores, mas quando o duque de Orleans foi substituído como chefe do exército por seu irmão duque de Nemours, um estudante de d'Aure, líder dos anti-baucheristas, o tradicionalista ganhou o poder superior. O duque de Nemours disse: "*Je ne veux pas d'une methode qui prend sur l'impulsion*". (Eu não quero um método que restrinja a impulsão).

O oponente mais formidável de Baucher foi o Conde d'Aure, que, apesar de ser um excelente cavaleiro da Alta Escola, estava mais interessado em andar ao ar livre. Seu princípio básico era seguir em frente e reter a energia natural do cavalo.

O Conde d'Aure realizava passeios naturais.

Baucher foi demitido, embora continuasse a influenciar muitos oficiais do Exército, por isso estava de volta ao circo. Baucher partiu em turnê pela Europa com o *Dejean Circus* e teve grande sucesso.

Baucher retornou a Paris e, enquanto trabalhava com um jovem cavalo no circo, um enorme lustre caiu sobre ele. Felizmente, ele sobreviveu, mas ficou tão ferido que nunca voltou a andar em público.

Sem a força das pernas, Baucher revisou seu método e desenvolveu sua *deuxième manière*, que parecia uma inversão da primeira. Deixe Racinet explicar:

Nesta segunda 'maneira', o *effet d'ensemble* não é mais a pedra angular do edifício. Agora é apenas desempenho ocasionalmente acalmar um cavalo turbulento e implica obrigatoriamente o uso do dente reto. As flexões laterais do pescoço e da nuca ainda são aplicadas, mas são limitadas a um oitavo de flexão. A flexão direta da nuca (ou ramener - uma cabeça clássica definida com a nuca no ponto mais alto e o chanfro na vertical) não é mais procurada diretamente, mas é o resultado da atitude geral do cavalo; ocorre progressivamente à medida que o 'rassembler' se aperfeiçoa. Em outras palavras, o 'ramener' não é mais um pré-requisito para a 'rassembler', mas seu resultado, sua expressão.

Essa flexão direta da nuca é preparada por flexões da mandíbula praticadas com a cabeça o mais alto possível, o chanfro na posição vertical.

A leveza agora é procurada apenas pela mão, por meio de 'meias paradas' para se opor à 'resistência do peso' e 'vibrações' para se opor às 'resistências de forças.

Por último, mas não menos importante, o novo axioma é apresentado: 'Mãos sem pernas, pernas sem mão. ”

Ao ouvir isso, o major Gerhardt, um adepto da 'primeira maneira', exclamou: 'Então Baucher não é mais Baucher!' Muito pelo contrário, Baucher estava se tornando Baucher. Esse axioma 'mão sem pernas, pernas sem mão' apareceu pela primeira vez em 1864, com a 12ª edição do 'método'. Isso é muito tempo depois do acidente; mas é explicado pelo fato de que o contrato que Baucher tinha com seu editor para todos os fins práticos o impedia de trazer grandes mudanças em seu texto. Somente na 12ª edição ele estava em posição de se expressar mais completamente.

De fato, o baucherismo era uma 'criação permanente', constantemente aperfeiçoada e constantemente modificada. O acidente de 1855 agiu como um mero catalisador e acelerou uma evolução que apontava para a segunda "maneira", como a conhecemos nos textos das 12ª e 13ª edições do "método". Uma 14ª edição, publicada postumamente, foi editada em conjunto pelo Major Faverot de Kerbrech, um dos melhores alunos de Baucher, e Henri, filho de Baucher.

A segunda “maneira” foi praticada ativamente por alguns oficiais do exército francês, e pode-se encontrar sua influência no estilo dos cavaleiros de adestramento militar franceses até a década de 1950. Infelizmente, como Baucher não apareceu no circo depois de 1855, esse 'baucherismo reformado' não recebeu a exposição que merecia.

Baucher morreu em 14 de março de 1873. Suas últimas palavras foram relatadas pelo General (então Coronel) L'Hotte, que estava ao seu lado: “ Então, pegando minha mão e dando-lhe a posição da mão do apoio ele me disse: 'Lembre-se bem: sempre isso' - e ele imobilizou minha mão sob a pressão da dele, 'nunca isso' e ele puxou minha mão para mais perto do meu peito’.

O francês Jean-Claude Racinet migrou para os EUA em 1963 e tornou-se porta-voz do '*L'equitation de Legeureté*, e espalhou as palavras de Baucher.

Outro escritor e instrutor distinto que chegou aos Estados Unidos foi o russo Vladimir S. Littauer. Ele estava mais interessado em pular do que em adestramento e na visão de futuro da Escola Caprilli. Não é de surpreender que ele esteja menos

entusiasmado com Baucher e mais gentil com seu grande rival d'Aure. Então, aqui, nos interessa o equilíbrio, há uma citação da obra-prima negligenciada de Littauer, *Horseman's Progress - The Development of Modern Riding*:

É óbvio que Baucher, com sua inclinação para o artificial, e o Conde d'Aure, com sua busca pela simplicidade e naturalidade, nunca poderiam concordar. Possuindo temperamentos bastante diferentes, eles até discutiram de maneira diferente. A característica de Baucher era sua autoconfiança. Por exemplo: digo em voz alta que a coleção completa nunca foi entendida ou definida diante de mim, porque é impossível executá-la perfeitamente sem ter aplicado com sucesso os princípios que fui o primeiro a desenvolver.

O Conde d'Aure, por outro lado, apresentou seus argumentos de maneira branda e, ocasionalmente, com humor. Foi assim que, por exemplo, ele tratou algumas das "invenções" de Baucher - nesse caso, o trote e galope para trás (reunido): hoje, estamos preocupados apenas com as ajudas a serem usadas quando desejamos fazer um cavalo sentar nas patas traseiras (ficar sob os posteriores, máximo engajamento); mas nenhuma menção é feita aos requeridos para fazê-lo seguir em frente (abrir a moldura, avançar). Talvez seja uma coisa estranha e rara ver um cavalo trotar e galopar para trás, mas, como o uso ainda exige que o cavalo avance, e hoje, talvez mais do que nunca, esses são princípios que talvez seja bom conhecer.

Pode ser apropriado mencionar aqui que o tema fundamental do principal argumento de hoje é o mesmo - elaboração e artificialidade em oposição à simplicidade e naturalidade.

ANEXO 3 – MODELO DE QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Sou a 1.º Ten PMESP Anita Braga Salvione, aluna do Curso de Instrutor de Equitação do ano de 2019, da Escola de Equitação do Exército. Venho por meio deste questionário subsidiar o Trabalho de Conclusão de Curso, aonde se procura distinguir primeiramente a doutrina alemã e francesa de equitação, ou citar se há métodos que às distinguem.

Para tanto, gostaria de ressaltar algumas definições, são elas:

1. Doutrina: “conjunto coerente de idéias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas.”
2. Método: “procedimento, técnica ou meio de fazer alguma coisa, esp. de acordo com um plano”
3. Sistema: “conjunto de elementos, concretos ou abstratos, intelectualmente organizados”

Dessa forma, procuro estabelecer primeiramente o perfil do caríssimo entrevistado e, por conseguinte, avaliar com dados comparativos o que propriamente esse trabalho busca, diferenças ou semelhanças entre doutrinas de equitação.

| | |
|--|--|
| Nome e Posto: | |
| Atual instituição que serve: | |
| Instituição em que serviu de Cavalaria que serviu: | |
| Cursos realizados voltados a arma de Cavalaria: | |
| Cursou Escola de Equitação, se sim, qual? | |
| Tempo que pratica hipismo. | |
| Atualmente, pratica qual das modalidades? | |

Parte 2

| | |
|--|---|
| Curso de Equitação que fez | |
| Duração em meses | |
| Local | |
| Qual método adotado (Segue métodos da Escola Francesa, Alemã, ou outra): | |
| Qual o ano? | |
| Qual título obteve? (Instrutor, Mestre, outro)? | |
| Existe algum outro Curso na Escola em que foi discente? | |
| Qual(is)? | |
| Qual o tempo de duração desses outros cursos? | |
| Quais disciplinas eram ministradas? | <input type="checkbox"/> Salto <input type="checkbox"/> CCE <input type="checkbox"/> Adestramento <input type="checkbox"/> Iniciação de cavalos novos <input type="checkbox"/> Doma <input type="checkbox"/> Carrieri <input type="checkbox"/> Saltadores <input type="checkbox"/> Pólo <input type="checkbox"/> Hipologia Outras? Quais: _____ _____ _____ _____ |
| Qual era a exigência para ingresso na Escola? (Cite brevemente) | |

| | |
|---|---|
| <p>Em média, qual o nível alcançado pelo cavaleiro aluno ao final do curso? Ex.: Salto a 1,10m; CCE a 1*, Adestramento em Média I</p> | <p>Salto: _____ CCE: _____ Adestramento: _____ Iniciação de cavalos novos: : _____ Doma: _____ Saltadores: _____ Pólo: _____ Outros: : _____ : _____ : _____ : _____</p> |
| <p>Em sua experiência adquirida na vida eqüestre, tendo por base o transcurso da história da Equitação Acadêmica, o Sr. reconhece ou identifica diferenças entre doutrina ou método entre o Sistema de Ensino Alemão e o Sistema de Ensino Francês? Cite algumas delas.</p> | |